



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

LUCIANA DOS SANTOS GALDINO

“PROFESSORA, QUE LEGAL, HOJE EU FALEI INGLÊS NA SUA AULA!”:
ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA DINAMIZAR O ENSI-
NO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA EJA

João Pessoa

2018

LUCIANA DOS SANTOS GALDINO

“PROFESSORA, QUE LEGAL, HOJE EU FALEI INGLÊS NA SUA AULA”: ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA DINAMIZAR O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA EJA

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Letras-Inglês, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito final para obtenção do grau de Licenciada Plena em Letras-Inglês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angélica Araújo de Melo Maia

João Pessoa

2018

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G149p Galdino, Luciana Dos Santos.

Professora, que legal, hoje eu falei inglês na sua aula!":Estratégias didático-pedagógicas para dinamizar o ensino/aprendizagem de língua inglesa na EJA / Luciana Dos Santos Galdino. - João Pessoa, 2018.
62 f. : il.

Orientação: Angélica MAIA.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Educação de Jovens e Adultos. I. MAIA, Angélica. II. Título.

UFPB/CCHLA

LUCIANA DOS SANTOS GALDINO

“PROFESSORA, QUE LEGAL, HOJE EU FALEI INGLÊS NA SUA AULA!”:ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA DINAMIZAR O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA EJA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura de Letras em Letras- Inglês da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Letras-Inglês.

Data de aprovação ____ de _____ de _____.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dra. Angélica Araújo de Melo Maia
Orientadora

Prof^ª. Dra. Bárbara Cabral Ferreira
Examinadora

Prof^ª. Dra. Betânia Passos Medrado
Examinadora

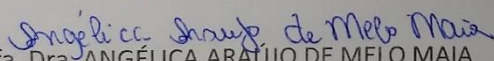
Prof^ª. Dra. Carla Lynn Reichmann
Examinadora

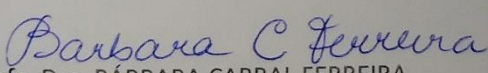


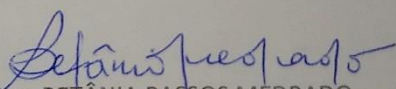
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ata da sessão de defesa de Monografia para obtenção do grau de Licenciatura, conferido a **LUCIANA DOS SANTOS GALDINO**. No vigésimo segundo dia do mês de outubro de dois mil e dezoito, reuniram-se na UFPB, Campus I, João Pessoa, os membros da Banca Examinadora composta pelos Professores Profa. Dra. ANGÉLICA ARAÚJO DE MELO MAIA, Profa. Dra. BÁRBARA CABRAL FERREIRA e Profa. Dra. BETÂNIA PASSOS MEDRADO, com o objetivo de proceder à arguição da monografia intitulada **Professora, que legal, hoje eu falei inglês na sua aula: estratégias didático-pedagógicas para dinamizar o ensino/aprendizagem de língua inglesa na EJA**, requisito conclusivo para obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras – habilitação língua inglesa. Após a arguição, os membros da Banca reuniram-se para deliberar sobre a nota a ser atribuída à monografia. O(A) presidente da sessão comunicou ao(a) aluno(a) e demais presentes que, por decisão da Banca, foi atribuída à monografia a nota 9,0. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, assinada pelos membros da Banca. João Pessoa, 22 de outubro de 2018.


Profa. Dra. ANGÉLICA ARAÚJO DE MELO MAIA
Orientador(a)


Profa. Dra. BÁRBARA CABRAL FERREIRA
Examinador(a) 1


Profa. Dra. BETÂNIA PASSOS MEDRADO
Examinador(a) 2

Profa. Dra. CARLA LYNN REICHMANN
Suplente

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço imensamente a Deus por ter me dado saúde e renovado minhas forças para superar as dificuldades, e por me fazer chegar até aqui, sem Ele nada disso seria possível.

Agradeço aos meus pais pelo amor e suporte em todos os momentos da minha vida, eles fazem parte da minha motivação para progredir nos estudos.

Agradeço aos meus irmãos e sobrinhos que são a alegria da minha vida e tornam meus dias mais iluminados.

Agradeço ao meu namorado Seth pelo apoio, ajuda e paciência comigo.

Agradeço aos meus amigos (Genilda, Nayara, Genilva, Julita, Luís Carlos, Damião, Emerson, Luzia e, outros tanto que amo de paixão, inclusive amizades que construí na UFPB), eles têm grande importância e significado na minha vida.

Agradeço ao professor regente André Passos, que me recebeu e me ajudou em todos os momentos que precisei no estágio supervisionado não-obrigatório.

Agradeço aos alunos que tiveram papel de extrema importância para construção deste trabalho e contribuíram para meu amadurecimento profissional.

Agradeço aos americanos Reuben Clark e Connor Pierson, que me ajudaram a desenvolver uma entrevista com os alunos pelo aplicativo *Messenger*. Sem eles, eu nem sei se teria conseguido realizar o plano que tinha para essa aula.

Agradeço aos professores (Mariana Péres, Fábio Bezerra, Genilda Azeredo, Rubens Lucena, Barthyra Cabral, Ribamar de Castro e Elizabeth Souto), eles foram muito importantes para meu crescimento como discente e profissional.

Agradeço as professoras da banca examinadora Bárbara, que foi a primeira a plantar em meu coração amor pelo estágio supervisionado; Carla Reichmann, que fez parte da minha trajetória e que eu admiro muito; Betânia, de quem eu não tive o privilégio ser aluna, mas por quem sempre fui tratada com muito carinho; eu a admiro como pessoa e profissional.

À minha orientadora Angélica, que demonstrou interesse por mim e aceitou me orientar no desenvolvimento desse trabalho, com tanto profissionalismo, criatividade, incentivo, paciência e ajuda em todos os momentos que precisei, ela é simplesmente maravilhosa.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar e analisar uma proposta didático-pedagógica centrada nas estratégias sugeridas em documentos curriculares oficiais para o ensino de língua inglesa na Educação de Jovens e Adultos-EJA (BRASIL, 2002; SÃO PAULO, 2010), a partir da ótica de uma professora em formação inicial. Essa proposta foi desenvolvida em um contexto de estágio supervisionado não-obrigatório, vivenciado em uma escola pública da cidade de João Pessoa na modalidade EJA, ensino fundamental. A pesquisa enfocou as estratégias didático-pedagógicas, os materiais, a interação em sala de aula e os desafios enfrentados como categorias para analisar duas aulas destinadas a uma turma de EJA e ministradas pela professora/pesquisadora. Foi utilizada uma metodologia de base qualitativa e interpretativa, tendo como dados os planos de aulas, as anotações e relato reflexivo da professora/pesquisadora sobre as aulas ministradas. A discussão de dados apontou que as aulas em questão parecem ter dinamizado a aprendizagem de língua inglesa na turma participante, por terem oferecido aos alunos oportunidades de usar a língua de maneira contextualizada e articulada com sua realidade, de usar a língua para fins de interação e comunicação real e fortalecer sua identidade como aprendentes que são capazes de ampliar seus conhecimentos de mundo e de linguagem, contribuindo para o alcance das metas de reparação e equidade, característica dessa modalidade de ensino. Por outro lado, a pesquisa mostrou que o estágio supervisionado não-obrigatório é um espaço formativo importante para ampliar experiência de docência na formação inicial, ao possibilitar que o professor exercite ainda mais a leitura das necessidades de grupos específicos de alunos, e assim possa planejar um processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa resposta a suas necessidades.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, ensino de inglês, formação docente, materiais e interação.

ABSTRACT

This work aims to present and analyze a didactic-pedagogical proposal centered on the strategies suggested in official curriculum documents for the teaching of English in the modality of youth and adult Education- EJA (BRASIL, 2002; SÃO PAULO, 2010), from the perspective of a teacher in initial education. This proposal was developed in a context of supervised non-compulsory internship, experienced in a public school of the city of João Pessoa in the modality EJA. The research focused on the didactic-pedagogical strategies, the materials, the classroom interaction and on the challenges as categories to analyze two classes prepared for an EJA group and taught by the teacher/researcher. A qualitative and interpretative methodology was used, taking into account the lesson plans, notes and reflexive journal of the teacher/researcher on the classes taught. The discussion of data pointed out that the classes in questions seem to have streamlined the English language learning in the participating class, because they offered students opportunity to use language in contextualized and articulated way with their reality, to use the language for real interaction and communication, and to strengthen their identity as learners who are able to broaden their knowledge of the world and language, contributing to reach the goals of repair and equity, characteristic of this modality of teaching. On the other hand, research has shown that the supervised non-compulsory internship is an important formative space to broaden teaching experiences in initial education, by allowing the teacher to exercise even more the recognition of specific groups of students' needs, so that he can plan an English-learning process that might provide answers to those needs.

Keywords: Youth and adult education, English language teaching, teacher education, the materials, interaction.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MODALIDADE EJA NO ENSINO FUNDAMENTAL	13
2.1.1 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EJA (ENSINO FUNDAMENTAL)...	16
2.2 ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E MATERIAIS RECOMENDADOS...	16
2.2.1 INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	19
2.2.2 DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EJA.....	20
3. METODOLOGIA	23
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA	23
3.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	24
4. ANÁLISE DOS DADOS	25
4.1 DESCRIÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS	25
4.2 UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS AULAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS, ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS, INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E DESAFIOS ENCONTRADOS.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	43
APÊNDICE A.....	43
APÊNDICE B.....	52
APÊNDICE C.....	57

1 INTRODUÇÃO

No início de dois mil e dezoito, senti o desejo de realizar um estágio supervisionado não-obrigatório ¹em escola pública, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA), com o intuito de utilizar o livro didático para construção do meu trabalho de conclusão de curso em licenciatura de Letras Inglês na Universidade Federal da Paraíba, pois acho esse tema muito relevante e percebo que pouca importância é oferecida para as pesquisas sobre material didático. Eu sempre tive interesse em realizar trabalhos na EJA, gosto desse público mais experiente e com muita história para contar. Assim como todos os meus estágios obrigatórios aconteceram no período noturno (porque trabalho o dia todo e esse era o melhor horário para que eu pudesse estagiar), optei por fazer o estágio não-obrigatório também no período da noite.

Ao chegar na escola municipal de ensino fundamental em João Pessoa, no mês de março de 2018, depois das primeiras aulas de língua inglesa ministradas em parceria com o professor regente, percebi que os alunos não acompanhariam o ensino com o uso do livro didático, pois eles sabem muito pouco da língua alvo. Por esse motivo, ao invés de trabalhar o livro didático preferi me dedicar à adaptação dos temas propostos no livro que eles utilizavam, tentando planejar o ensino de língua inglesa para que os alunos conseguissem assimilar melhor o conteúdo de acordo com o nível deles, com aulas mais dinamizadas e com muita interação professor-aluno.

Acredito que essa escolha foi de grande importância, porque acredito que é por meio desse estilo de ensino, com foco na interação e com aulas mais dinamizadas que os alunos têm mais oportunidades de construir o próprio conhecimento.

Penso, ainda, que os novos docentes não precisam repetir o processo didático que eles vivenciaram na escola e que criticam, mas podem chegar na escola como professores para colocar em prática todo o conhecimento inovador aprendido na universidade e transformar a educação para melhor.

No período de formação inicial dos professores, seja para atuar na modalidade regular ou na modalidade EJA, considero que a experiência de estágio supervisionado pode ser bastante enriquecedora, pois é durante esse momento que o professor em formação tem mais

¹O estágio supervisionado não-obrigatório pode ou não ser remunerado, este que eu realizei não foi remunerado. Este tipo de estágio não faz parte da carga horária obrigatória do projeto pedagógico do curso de Letras Inglês presencial da Universidade Federal da Paraíba, mas ajuda o estagiário a ganhar mais experiência na sua profissão. O curso em questão abrange 7 disciplinas de Estágio Supervisionado Obrigatório, das quais três são feitas parcialmente nas escolas. O estágio descrito nesse trabalho foi feito após a conclusão dos estágios obrigatórios.

chances de refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, principalmente se existe interesse que o aluno aprenda. Além disso, o professor passa a se desafiar para atingir seus objetivos com os alunos.

Foi durante a etapa do estágio mencionado, por exemplo, que tive que pesquisar bastante para saber sobre o ensino de Língua Estrangeira na EJA para poder usar esse conhecimento a meu e a favor dos alunos, de maneira a obter sucesso no desenvolvimento deles com a língua alvo.

Além disso, é durante o estágio que o estagiário descobre se ama a profissão e quer isso para sua vida. É em um contexto como esse, que o estagiário pode perceber o quanto é importante conhecer os alunos, preparar e aprender a dar aulas (isso não é nada fácil), e também receber orientações e dicas do orientador do curso e do professor regente. Tudo isso é um processo de aprendizagem na qual todos saem ganhando mais conhecimento, conquistas nas metas planejadas e vontade de aperfeiçoar o que já sabe para não se acomodar e ficar ultrapassado. Assim, é essencial para o professor em formação refletir sobre aspectos de sua prática docente desde o estágio e pesquisar sobre temas relevantes, aliando conhecimento teórico com reflexões sobre a prática para ir construindo sua identidade como professor.

Considerando esse aspecto, resolvi desenvolver a pesquisa apresentada neste trabalho, que tem como foco a análise de uma experiência de elaboração de materiais didáticos para o ensino de língua inglesa na modalidade EJA, tomando como referência os planos de aulas desenvolvidos por mim e considerando minhas reflexões sobre as aulas ministradas. Dessa forma, é uma pesquisa de natureza qualitativa, interpretativa, autobiográfica e que tem um foco em uma experiência específica, constituindo-se como um estudo de caso.

A pesquisa justifica-se não só pela necessidade de mais pesquisas sobre a EJA e o ensino de língua inglesa no âmbito nacional, visto que encontrei poucos artigos sobre esse tema, entre os quais eu destaco os de Bortolini e Krunger (2008) e Mulik (2011), mas também por ser um tema pouco explorado nos trabalhos de conclusão do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba, destacando-se, mais recentemente, alguns trabalhos sobre o ensino de inglês na EJA no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), como os trabalhos de Souza e Silva (2015) e o de Novaes (2015).

O objetivo geral da pesquisa é analisar uma experiência de ensino aprendizagem de língua inglesa na EJA- ensino fundamental, em um estágio não-obrigatório, a partir das reflexões desta professora estagiária em formação inicial, tendo como base principal os documentos curriculares para a EJA.

Os objetivos específicos são os seguintes:

1. Discutir aspectos da EJA no contexto estudado (estratégias didático-pedagógicas, materiais didáticos, interação-professor-aluno e desafios encontrados);

2. Analisar reflexivamente dois planos de aulas de língua inglesa para a modalidade EJA, considerando as estratégias didático-pedagógicas e outros aspectos previstos nos documentos oficiais para essa modalidade;

3. Refletir sobre a experiência de implementação das duas aulas, a partir dos meus relatos reflexivos quanto professora estagiária ministrante.

Na parte de explicitação dos pressupostos teórico- metodológicos, o trabalho abordou brevemente a história da EJA, suas características, o ensino de língua estrangeira na EJA, estratégias didático-pedagógicas e materiais recomendados para esse fim na literatura pesquisada e possíveis desafios. Na seção da metodologia, descrevi o contexto da pesquisa: a escola campo onde a estagiária conduziu essa pesquisa e a turma, bem como os desafios enfrentados pelos alunos, procedimentos de coleta e análise de dados. Em seguida, no capítulo de discussão dos dados são analisados as estratégias didáticos pedagógicas e os materiais adotados em duas aulas ministradas e suas repercussões na aprendizagem dos alunos, a partir do olhar desta pesquisadora sobre os relatos elaborados das aulas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresento algumas propostas curriculares que foram desenvolvidas para auxílio dos professores que trabalham com a EJA. Por meio dessas propostas curriculares, o professor pode conhecer melhor as características dessa modalidade e desenvolver um trabalho de ensino/aprendizagem que seja mais apropriado para os seus alunos.

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MODALIDADE EJA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos -EJA (BRASIL, 2002), essa modalidade de ensino surgiu desde o período da colonização e imperial, mas não era oficial. Acreditava-se que a cidadania era um direito destinado unicamente para a elite da sociedade. Em 1827, o Brasil seguiu a influência Europeia e, em sua constituição brasileira, garantiu educação primária e gratuita para todos os cidadãos.

Ainda de acordo com essa proposta (BRASIL, 2002), no ano de 1925, houve grande progresso para a EJA, pois foram criadas escolas noturnas para adultos (isso foi uma consequência da lei Rocha Vaz ou João Alves) para que se formasse mão de obra para os primórdios da indústria nacional.

Na década 1940 foi que a EJA se firmou como questão de política nacional. Em 1942 foi incluído o ensino supletivo para adolescentes e jovens, e em 1947, foram criados o Serviço de educação de Adultos (SEA) para coordenar planos anuais para o supletivo destinado a adolescentes e adultos analfabetos e a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) para fortalecer a infraestrutura para os estados e municípios para atender a essa modalidade de ensino (BRASIL, 2002).

Em 1952, houve a criação da Campanha Nacional de educação Rural e, assim, percebe-se uma abrangência da educação inclusiva para os alunos do campo. Ainda na década de 50, foi implantada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, uma iniciativa bem ousada de tentar mudar a realidade da educação no Brasil (BRASIL,2002).

Só em 1960 é que a EJA foi estendida para o curso ginasial, ou seja, ensino fundamental. Foi nessa década que o educador Paulo Freire ganhou destaque, pois ele teve papel fundamental para que a EJA se desenvolvesse no Brasil (BRASIL, 2002) .

No ano de 1967, surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) com o intuito de promover uma educação continuada para erradicar o analfabetismo e, em 1980, essa modalidade se expandiu por todo o território nacional (BRASIL, 2002).

Em 1990, durante a Conferência Mundial de Educação para Todos na Tailândia, foi que se reforçou a necessidade de expandir e melhorar o atendimento público na escolarização de jovens e adultos (BRASIL, 2002).

Ainda segundo essa proposta (2002), a EJA é considerada uma modalidade do ensino fundamental que é direito do cidadão e esse direito assume um papel de *reparação e equidade* que estabelece uma grande conquista e avanço para a sociedade brasileira.

Senso assim, percebe-se que a EJA é uma modalidade de ensino que foi planejada para alunos que por algum motivo interromperam seus estudos, precisam de uma nova chance para continuar estudando e recuperar o tempo perdido. Essa modalidade é recomendada para alunos a partir dos quinze anos ou mais idade que não concluíram o ensino fundamental e/ou médio. É também uma modalidade planejada para se encaixar nas necessidades dos alunos, para reparar os prejuízos que a falta de educação formal pode trazer para suas vidas. Apesar das adversidades, a EJA traz um novo recomeço e reingresso para alunos em situações de risco, miséria e exclusão (BRASIL, 2006).

A EJA é dividida em ciclos: o primeiro segmento vai da 1ª a 4ª série e compreende o 1º e o 2º ciclos. No que se refere ao segundo segmento, as séries são da 5ª a 8ª e englobam o 3º e o 4º ciclos (SIMPÓSIO 20, s.d.). Foi uma turma de 3º ciclo que eu, como pesquisadora, acompanhei na escola municipal para realização deste trabalho.

O Ministério da Educação criou em 2004 a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) com o intuito de enfrentar a exclusão de alunos com a redução de desigualdades, como também, respeitar e valorizar a diversidade da população e garantir políticas como instrumentos de cidadania (BRASIL, 2006).

Além disso, a SECAD surgiu para apoiar os educadores da modalidade EJA, pois eles nem sempre têm oportunidades de participarem de cursos de formação e, para dificultar a situação, existe pouco material de apoio destinado a responder às necessidades pedagógicas desses educadores que atuam na EJA (BRASIL, 2006).

Assim, percebe-se que a EJA tem sido alvo de políticas públicas nos últimos anos para que se ofereça uma educação melhor para os alunos que buscam concluir os estudos e isso é uma boa iniciativa por parte do Estado, pois esses alunos também terão a oportunidade de receber uma educação de acordo com as suas necessidades. Essa modalidade passou por essas

mudanças já mencionadas a nível nacional e, a nível municipal, em João Pessoa, com alguns avanços significativos que vale a pena mencionar.

Segundo notícias disponíveis no site da Prefeitura Municipal de João Pessoa (<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/tag/eja/>), a rede municipal de ensino ganhou destaque por lançar um projeto cujo objetivo é diminuir a evasão escolar. Dessa forma, as mães que têm crianças podem levar seus filhos para a escola e, essas crianças ficam ao encargo de uma cuidadora, enquanto as mães assistem as aulas para continuarem seus estudos.

Além disso, uma outra notícia do mesmo site informa que os servidores municipais têm o privilégio de estudar no horário de trabalho, no centro administrativo municipal, em Água fria e que a capital de João Pessoa tem um outro destaque importante: ela possui a maior quantidade de oferta destinada ao público da EJA entre as capitais do nordeste

Ainda segundo esse site (<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/tag/eja/>), a Emlur juntamente com a secretaria municipal de educação ofereceram 50 vagas para agentes de limpeza (que trabalham para a Emlur) na modalidade EJA. Com essa iniciativa essas pessoas puderam ter acesso um ensino de qualidade e inclusão social. Outra iniciativa muito importante, foi a parceria do Centro de Cidadania LGBT com a secretaria municipal de educação que ofereceu um espaço e vagas para alunos que se encaixam nesse grupo que sofre tanta exclusão tenham também a oportunidade de estudar na EJA. Todas essas informações atestam a preocupação recente da rede municipal de educação de João Pessoa com essa modalidade de ensino, o que nos parece um aspecto bem positivo.

De acordo com a proposta curricular para o ensino da EJA, segundo segmento, de língua estrangeira (BRASIL, 2002), a EJA tem por objetivo habilitar o aluno para ser cidadão comprometido com a sociedade e com visão ampliada de suas responsabilidades e deveres, consciente de que a escola pode ajudá-lo a conseguir êxito dentro e fora dela, pois o que se aprende na escola não se restringe à sala de aula, mas o acompanha por toda vida.

Portanto, diante disso tudo que mostrei até aqui, quando o ensino na EJA é significativo, o aluno pode passar a gostar não só da escola, do educador, mas acima de tudo passa a gostar de aprender, do conhecimento, que é essencial para seu desenvolvimento como indivíduo em um mundo globalizado, cada vez mais exigente de pessoas bem capacitadas para exercer suas funções em uma sociedade multilíngue e multicultural.

2.1.1 O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EJA (ENSINO FUNDAMENTAL)

O ensino de língua estrangeira na EJA exerce um papel muito importante na vida do aluno. Segundo proposta curricular para a EJA, Língua Estrangeira (BRASIL, 2002) anteriormente comentada, é por meio do ensino de língua estrangeira que o aluno estará mais preparado para exercer sua cidadania.

A proposta afirma, ainda, que com o ensino de língua inglesa, por exemplo, os alunos podem construir novos saberes, conhecer como um texto se organiza, compreender as estruturas discursivas, se expressar por meio da língua estrangeira, o que pode ajudá-los a se desenvolverem na própria língua materna e, também, na leitura. Todo esse conhecimento é de extrema importância para que o aluno comece a fazer associações que o auxiliarão em situações de uso não só na escola, mas na sociedade (trabalho, universidade e na vida como um todo).

Não só a língua inglesa, mas qualquer língua estrangeira circula dentro de um contexto histórico, social e cultural. Por essa razão, é importante que o professor ensine a língua inglesa fazendo uso desses meios por onde a língua transita. O professor, pode inclusive, fazer comparações entre a língua materna (portuguesa) e a língua inglesa. Às vezes, é até preciso usar um texto em língua portuguesa para chegar na língua alvo (inglesa).

A proposta curricular da EJA, Língua Estrangeira (BRASIL, 2002) indica que para situar o ensino da língua estrangeira dentro de um contexto social, histórico ou cultural ou para usar a perspectiva sócio interacional, é preciso conduzir o ensino/aprendizagem no qual se priorize o conhecimento de mundo do aluno, textual e sistêmico. Para que isso aconteça, é preciso ter como ponto de partida o cotidiano do discente. Assim haverá construção de conhecimento do aluno junto com o professor e os colegas de sala de aula.

Quando se fala do uso de texto autêntico na sala de aula no ensino de língua inglesa, o que se tem em vista é que o aluno conheça o contexto onde o texto foi produzido (quem produz, para quem, em que local, quando, como, com que finalidade), com isso o aluno tem mais capacidade de conhecer diversos gêneros textuais e sua utilização (BRASIL, 2002).

2.2 ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E MATERIAIS RECOMENDADOS

Segundo uma proposta curricular para a EJA do estado de São Paulo (2010), o processo pedagógico na EJA deve levar em conta dois pontos importantes: o que o discente tem o direito de aprender em cada área de conhecimento e como o docente pode efetivar essa aprendizagem com seus conhecimentos pedagógicos.

Quando essas recomendações são seguidas, o processo educativo ocorre de forma bem organizada e progressiva. Para que isso aconteça, os professores precisam entender que é preciso refletir sobre a própria prática, levando em consideração algumas indicações de documentos oficiais e de pesquisadores da área.

De acordo com referida proposta de São Paulo (2010), existe um consenso de que o ritmo de aprendizagem dos adultos é diferente do que se propõe para as crianças e, por esse motivo, o método para o aluno da EJA deve ter seu perfil próprio. Assim percebemos que a EJA tem suas características inerentes e o professor deve respeitar a singularidade dessa modalidade de ensino, se familiarizando com as propostas idealizadas para o aluno desse público.

A EJA busca efetivar um caminho para que os jovens e adultos, de todas as idades, tenham acesso ao desenvolvimento, conhecimento, habilidades, novas experiências, etc. O documento acrescenta que a EJA deve criar um espaço de superação nas formas de saber cotidiano. E isso só pode ser uma realidade quando as diretrizes nacionais forem consideradas em relação aos componentes curriculares e conteúdos contemplados em sala de aula; quando o ensino se organizar segundo as características e necessidades dos alunos da EJA; quando esse ensino considerar o conhecimento prévio e experiência adquiridos pelos alunos (SÃO PAULO, 2010, p.17, 19).

Como essa modalidade tem sua particularidade, o professor deve atentar para suas especificações, pesquisar sobre o assunto, vestir a camisa do compromisso e fazer o possível para atingir os objetivos que a EJA propõe para o bom desenvolvimento dos alunos dessa modalidade.

Nas especificações da EJA, (SÃO PAULO, 2010), consta que o professor precisa ensinar o conteúdo da língua estrangeira visando não apenas as estruturas, mas indo além desse aspecto. Em outras palavras, é preciso contextualizar essas estruturas em situações reais de uso, para que o aluno se perceba capaz de aprender e realizar leitura, escrita e fala de acordo com o que sociedade requer.

Além disso, como a aprendizagem da Língua Inglesa é muito apreciada pela sociedade, por causa do status que essa língua proporciona para seus falantes, segundo a proposta curricular de São Paulo (2010), o professor deve incluir em suas aulas as seguintes estratégias: ampliar a visão de mundo do aluno sobre si mesmo e a sociedade local em outro idioma; expandir a perspectiva do aluno sobre a diversidade, multiplicidade e pluralidade presentes na sociedade atual (tudo isso tem a ver com a cultura, comunicação, identidade, etc.); contribuir para a aquisição de conhecimento em sintonia com as necessidades da sociedade, visando à

criação, à atuação do discente como cidadão ativo, produtivo e agente transformador do meio onde vive (SÃO PAULO, 2010, p. 25).

Para colocar em prática essas estratégias, deve-se executar um trabalho pedagógico com as três seguintes perspectivas: pessoal, comunitária e global, partindo sempre da percepção que o aluno tem de si mesmo para chegar ao social local e distante. A leitura, a escrita e a produção oral são os meios utilizados para construir o desenvolvimento dessas três perspectivas (SÃO PAULO, 2010).

Sob a perspectiva educacional-cultural-linguística, a EJA preocupa-se em possibilitar ao aluno a oportunidade de se desenvolver na língua Estrangeira sem excluir a importância que a língua materna exerce e, por esse motivo, ressalta-se que é imprescindível que o aluno dessa modalidade desenvolva habilidades em ambas as línguas (SÃO PAULO, 2010).

Sendo assim, sugere-se que o objetivo da EJA seja o estudo dessas línguas materna e estrangeira (s), trazendo as seguintes contribuições para a vida do aluno: ele deve construir uma forma ampliada de ver a si mesmo na comunidade com o outro em outro idioma; fazer uso da língua estrangeira em sua vivência (na relação identidade-alteridade); ter uma perspectiva expansiva sobre a pluralidade, diversidade e multiplicidade presentes na sociedade atual (de formas de comunicação, de culturas e identidades, linguagens, gêneros e modalidades); ser capaz de construir conhecimento de forma condizente com as necessidades da sociedade (ampliando o foco para a criação com sensibilidade para fatores contextuais, em contraponto à reprodução, tradicionalmente acentuada) conseguir desenvolver habilidades para interagir em comunicação básica (textos escritos, diálogos, relatos) de outra língua, em situações de cotidiano, reconhecendo seus sentidos e usos (graus de formalidade; diversidade de gêneros, influências contextuais); aprender a conhecer o funcionamento da comunicação (oral, escrita) da língua estudada, o que inclui: funções comunicativas, estruturas gramaticais, itens lexicais, e adequação comunicativa ao contexto, leitura e construção de sentidos mediante os contextos. Precisa ainda compreender criticamente as razões sócio históricas do prestígio das línguas hegemônicas e as relações de poder envolvidas (em especial do inglês) e os efeitos que este prestígio tem na cultura brasileira e no cotidiano dos alunos (SÃO PAULO, 2010, p.30,31).

Quando o professor da EJA vivencia essas estratégias em sala de aula, seus alunos estarão se apropriando de conhecimentos relevantes para construção do presente e preparo para futuro. Dependendo da forma como esse conhecimento é transmitido, a aula pode ficar monótona, mas um professor comprometido com sua profissão pode fazer com que as aulas sejam agradáveis e tragam mais satisfação tanto para si mesmo como para os alunos.

Com relação aos materiais e as atividades a serem desenvolvidas na EJA no campo das linguagens, recomenda-se o uso de textos que reflitam o interesse e as experiências de vida desses alunos, bem como, que levem em consideração as dificuldades que possam acontecer. Nesse sentido, deve-se buscar textos que dialoguem com o momento histórico e com temas que façam parte do cotidiano dos participantes, levando-se em consideração questões de gênero, faixa etária, registro, etc (BRASIL, 2006a).

2.2.1 INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

De acordo com proposta curricular para a EJA, Língua Estrangeira (BRASIL, 2002), o que geralmente se vê nessa modalidade de ensino é a ministração de aulas expositivas em língua inglesa com o uso de livros ou apostilas. Esse tipo de material, no entanto, nem sempre oferece espaço para que a interação professor-aluno aconteça. Assim, essas aulas ficam centradas no professor ou até mesmo no livro e o aluno não tem participação na construção do conhecimento.

No contexto de sala de aula, a participação do aluno é de grande valor, até mesmo porque esse aluno jovem/adulto pode usar sua experiência de vida e isso conta muito para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma bem sucedida.

A participação do aluno na aula de língua inglesa está relacionada diretamente à importância dada à interação em sala de aula. De acordo com Brown (1994, p.165, minha tradução), interação é a “troca colaborativa de pensamentos, sentimentos e ideias entre duas ou mais pessoas, resultando em um efeito recíproco de um sobre o outro”. Na sala de aula, essa interação pode acontecer de duas formas: interação professor-aluno (s) e interação aluno-aluno. Essa interação pode ser unidirecional ou uma interação recíproca. Desse último modo, o aluno deixa de participar apenas para tirar dúvidas e começa a participar de cada aula com seu conhecimento de mundo, do início ao fim. Isso é muito produtivo tanto para o professor quanto para o aluno, que passa a contribuir com o seu próprio conhecimento.

Ainda segundo proposta curricular para a EJA Língua Estrangeira (BRASIL, 2002), as pessoas continuam aprendendo mesmo na fase adulta, pois o processo psicológico de aprendizagem dura por toda a vida. Isso quer dizer que as pessoas nunca deixam de aprender, elas sempre podem aprender coisas novas e diferentes. Idade avançada não é impedimento, nem mesmo para aprender uma língua estrangeira e usá-la para interagir com o professor e os demais alunos. Os adultos podem ter um pouco mais de dificuldade, mas eles podem sim continuar construindo novos conhecimentos na escola.

Nesse contexto de interação professor-aluno e aluno-aluno, a participação discente no processo de ensino-aprendizagem pode ser ampliada, pois o professor passa a ser mediador da aprendizagem, a organizar os alunos de forma que eles cooperem com a aprendizagem uns dos outros de acordo com seus níveis de aprendizagem (BRASIL, 2002, p.73).

Essa interação pode ser construída não só no momento da aula de língua inglesa. Para que ela aconteça de maneira efetiva, o professor precisa conquistar seu aluno, ganhar sua confiança, fazê-lo acreditar que ele pode e é capaz de aprender, falar e usar a língua inglesa. O professor deve mostrar interesse pelo bem estar e crescimento de seu aluno dentro e fora da sala de aula. Além disso, o professor deve construir e trilhar o caminho do conhecimento junto com o aluno, para que o aluno perceba que não está sozinho.

2.2.2 DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EJA

Como desafio na EJA, a própria procura por uma escola não é nada fácil, pois o aluno adulto toma uma decisão que envolve a família, padrões, acesso, distância, custo financeiro e, em tudo isso, estudar envolve uma situação de idas e vindas (BRASIL, 2006).

Além disso, posso destacar como desafio nas salas de aula da EJA a falta de material didático. Os professores não consideram o livro didático adequado para o ensino de língua inglesa, porque ele não está compatível com o contexto e as necessidades dos alunos da EJA (BRASIL, 2002). Particularmente, vejo o livro didático como sendo um ótimo material para o ensino de língua inglesa, mas o mesmo precisa estar de acordo com as necessidades dos alunos e propiciar a interação professor-aluno. Quando isso não acontece, o professor tem que usar sua criatividade para reverter a situação desfavorável. Nesta pesquisa, para reverter o problema com o livro didático, foi realizada a adaptação de material, a partir do livro utilizado pela escola.

Um desafio preocupante é a violência, pois muitas as escolas estão situadas em áreas de risco, onde, infelizmente, até os alunos se envolvem com o uso de drogas. Segundo o portal de notícias G1²(2017), o Brasil está em primeiro lugar no ranking de casos de violência nas escolas contra professores e diretores e essa situação também atinge a modalidade EJA.

Por esse motivo, às vezes os professores ficam temerosos de repreender os alunos ou chamá-los a atenção. Por outro lado, a violência não está só dentro da escola, mas alguns alunos precisam sair antes que a aula termine por residirem em ruas desertas e perigosas. A polí-

² Disponível em: < <https://www.g1.globo.com/educação/.../brasil/1/ranking/da/violencia/contra/professor> >. Acesso em: 20/07/18.

cia nem sempre pode comparecer e se fazer presente na escola para intimidar os baderneiros e para atenuar os perigos a que os professores e alunos estão expostos, principalmente no turno da noite.

Outra dificuldade recorrente nessa modalidade de ensino é que alguns alunos chegam à escola apresentando resistência pelo tipo de escola que encontram. Esses alunos eram acostumados com uma escola com aulas em que eles não eram motivados a interagir, com aulas que só o professor falava (BRASIL, 2006). Assim, esses alunos ficam assustados com o tipo de aulas que são normalmente ministradas pelo professor da EJA, pois eles estão acostumados com aulas expositivas. Como esses alunos têm estado afastados da escola por um longo tempo, eles precisam se acostumar com essa nova escola. Os alunos que acompanhei nesta pesquisa apresentavam certa resistência para se adaptarem às aulas que ministrei, porque eu costumava usar interação professor-aluno e queria que eles se envolvessem.

Antes de eu chegar a essa escola, os alunos não participavam desse tipo de aula. Alguns até diziam: “não sei nem o Português, professora, e você quer que eu aprenda a falar Inglês, deixe disso, eu não tenho jeito de aprender isso não”. Alguns deles bagunçavam um pouco, não davam importância à aula de língua inglesa, outros eram bem tímidos. Além disso, como esses alunos estavam no ciclo 3A da EJA, eles sabiam muito pouco de Inglês. Mesmo assim, eu ajudei esses alunos a usar seu cotidiano na construção do conhecimento, meu papel como professora era fazer com que esses alunos aprendessem mais e melhor, para ir mais além na vivência de sua cidadania.

Ainda sobre as desafios, o cansaço dos alunos, que trabalham durante o dia e estudam à noite é uma forte causa que possibilita a evasão por parte de alunos que não conseguem trabalhar e estudar ao mesmo tempo, isso foi algo que percebi na escola onde estagiei. Além disso, percebi que a escola pública nem sempre dispõe de recursos para que o professor possa ministrar uma boa aula de língua inglesa. Às vezes, o professor precisar tirar dinheiro do próprio bolso para fazer cópias, impressão ou usar o próprio computador³.

Por último, observa-se o aluno da EJA apresenta baixa autoestima em virtude de seu fracasso escolar e exclusão (BRASIL, 2006). E isso também é um desafio que precisa ser trabalhado em sala de aula, pois esse aluno se sente incapaz de ser bem sucedido nas tarefas que deve desenvolver. Eu experimentei esse tipo de situação na escola onde estagiei, isso é muito recorrente na fala dos alunos e eu precisei ajudá-los a vencer esse obstáculo.

³ Esses aspectos foram observados durante o estágio realizado na escola, contexto desta pesquisa

Não é porque o aluno estuda à noite que o ensino deve ser sem qualidade. Apesar de alguns deles estarem só preocupados em receber o certificado, o professor pode ajudar esse tipo de aluno a perceber que tão importante quanto o certificado é o conhecimento, que ninguém pode roubar dele. O cansaço dos alunos que estudam à noite pode atrapalhar, porém a sede pelo conhecimento que o professor pode plantar no coração do aluno pode ajudá-lo a enfrentar os problemas que os impedem de conseguir seus objetivos.

3. METODOLOGIA

Este trabalho apresenta aspectos relevantes quanto às estratégias didático-pedagógicas, materiais e tipos de interação para dinamizar o ensino de língua inglesa na EJA. Uma atenção a esses elementos é necessária para esse público, que nem sempre recebe uma educação de acordo com suas necessidades e, às vezes, não acredita que possui potencial para aprender uma língua estrangeira, nesse caso, a língua inglesa. Os referidos aspectos podem favorecer um melhor aproveitamento do conteúdo para construção do conhecimento desse público diferenciado, diversificado, constituído de cidadãos do mundo. Para explicitar como foi o percurso metodológico adotado para pesquisar esse tema, vou apresentar duas dimensões da pesquisa: o contexto de desenvolvimento da pesquisa e os procedimentos adotados.

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal em João Pessoa, no bairro de Vieira de Diniz, entre os meses de março e setembro. As aulas que eu analisei aconteceram em agosto. Nas outras visitas à escola, eu observei aulas e realizei coparticipações com o professor regente. Nessas visitas, eu pude perceber que essa escola possui dez salas de aulas, banheiros para alunos e funcionários, sala para diretoria, secretaria, sala de vídeo, laboratório de informática, biblioteca, cantina, um pátio amplo e quadra esportiva. Além disso, o inspetor se posiciona na entrada da escola, em local estratégico, controlando quem sai e entra. Ele observa se há algo estranho acontecendo no entorno da escola, tendo em vista que trata-se de um bairro com alto índice de violência, e fica atento ao comportamento dos alunos. Assim, percebo que essa escola é bem organizada e com uma estrutura adequada.

O professor de Inglês dessa turma é calmo, paciente e atencioso com os alunos. Ele só chama a atenção dos alunos quando necessário. É difícil lidar com alguns alunos, que se comportam de maneira agressiva, mas ele sempre encontra um jeito de lidar com eles da melhor maneira possível. Esse professor é jovem, trabalha em três escolas, ele está nessa profissão há dez anos e ele ensina essa turma desde o início do ano.

Segundo moradores, o bairro onde essa escola está situada ficou um pouco mais perigoso, principalmente, depois da ocupação de dois conjuntos habitacionais populares do programa “Minha casa, minha vida”. Os alunos que frequentam essa escola residem no bairro já mencionado, nos conjuntos habitacionais e em bairros próximos (Indústrias e Jardim Veneza). Alguns deles são interessados nos estudos, mas outros nem tanto. A sala do ciclo 3A da EJA

que acompanhei e onde desenvolvi a pesquisa continha aproximadamente 13 alunos, com idades entre 15 e 40 anos. A maioria dos alunos eram jovens, algumas mães levavam suas crianças para a escola junto com elas.

Em relação à aula de Inglês, o professor regente usava muito o quadro para passar o conteúdo, com pouco uso da língua inglesa, e muita tradução de palavras em Inglês para a língua materna. Ele explicava o assunto muito bem para os alunos, mas ele não utilizava textos autênticos, nem o livro didático e não adaptava material. As aulas eram pouco dinamizadas e havia pouca interação professor-aluno.

3.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, sendo descritiva e ao mesmo tempo interpretativa dos fenômenos. Suas informações não se traduzem em números, pois esta pesquisadora está mais interessada em entender o processo do que os resultados, e os dados são examinados de forma indutiva, privilegiando o significado (MINAYO, 2001, p.21,22). É também uma pesquisa reflexiva, visto que o pesquisadora não é um relator passivo, mas ativo e sua influência é vista no trabalho que realiza, pois o mesmo é parte do mundo social que pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2008, p.58,59). Além disso, é uma pesquisa de caso, pois analisa um contexto específico e não tem a intenção de que os achados sejam universalizados para todos os contextos de EJA (YIN, 2001, p.32).

A pesquisa é também de caráter autobiográfico. Nesse tipo de pesquisa valoriza-se a narrativa do sujeito pesquisador, seu ponto de vista sobre si em suas experiências, que podem ser individual ou grupo dentro de uma realidade com reflexões sobre um trabalho realizado na sua área de atuação (NÓVOA, 1995:189 apud CONTIERO, 2015, p. 04). Uma vez que parte dos dados envolve minha própria prática e minhas reflexões sobre a mesma, pode-se afirmar que ela se relaciona a essa perspectiva metodológica.

Com base em dois planos de aulas (apêndices A e B) e em anotações feitas por mim (apêndice C), as aulas ministradas serão primeiramente descritas e em um segundo momento, serão analisados e discutidos aspectos da EJA evidenciados no contexto estudado, que foram especificados nos objetivos da pesquisa: materiais didáticos, estratégias didático-pedagógicas, interação-professor-aluno e desafios encontrados

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, eu descrevo e reflito sobre as aulas ministradas por mim ministradas. A primeira aula foi sobre *Nationalities and Professions* e, a segunda aula foi uma entrevista com dois professores americanos, que aceitaram colaborar com este trabalho.

4.1 DESCRIÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS

Durante o estágio supervisionado não-obrigatório a que essa pesquisa se refere, eu sempre adaptava material para a realização das aulas de língua inglesa. O livro didático adotado para as escolas municipais em João Pessoa é *EJA Moderna Educação de Jovens e Adultos*.

A primeira aula que elaborei, a partir do livro *EJA Moderna* (AOKI, 2014-2016, p. 381-383) abordou o tema *Continents and Countries* (Continentes e países). De acordo com as instruções presentes nesse livro, a aula deve começar com o professor apresentando um mapa mundi, para poder entrar no assunto, fazendo interação com os alunos. Eu, porém, preferi adaptar e apresentar o tema da aula *Nationalities and professions* (nacionalidades e profissões) e, dentro desse assunto, os alunos estudaram os países também, mas de uma maneira contextualizada (confira a imagem da unidade do livro didático no Apêndice A, p.41).

Ao invés de usar o mapa mundi, usei uma tabela da copa para engajar os alunos (já estávamos no período desse evento) e, para que acontecesse a interação professor-aluno desde o início. Ainda utilizei imagens de jogadores, do presidente da Rússia, de jornalistas, de locutor de futebol, de comentaristas, atrizes, cantoras, etc. Por fim, fiz perguntas aos alunos sobre os jogadores e outros profissionais e eles respondiam. A aula deveria acontecer com uso da língua alvo o máximo possível, com interação do início ao fim da aula (cf. plano de aula- *Lesson plan* 1- apêndice A).

No dia que apresentei essa aula, eu distribuí entre os alunos tabelas do jogo da copa, com texto em português, e perguntei a eles se sabiam que tipo de texto era aquele. Eles tiveram um pouco de dificuldade de responder, mas depois que eu dei uma ajuda, um dos alunos respondeu que era uma tabela de jogo da copa. Então, eu perguntei onde podíamos encontrar aquele tipo de texto (o mesmo aluno respondeu que era na internet e em jornais), em que momento (os alunos responderam que durante a copa), e quem tinha interesse naquele tipo de texto (os alunos responderam que os telespectadores tinham interesse).

Depois, perguntei se eles assistiram à copa e quem era o jogador preferido deles. Em seguida, coloquei a imagem de Cristiano Ronaldo no quadro e eles já foram dizendo quem ele era. Foi então que eu perguntei o país em que ele morava, sua nacionalidade e profissão. Os alunos sabiam essas informações, mas não sabiam dizer em inglês. Então eu perguntei: *How can I say Portugal, Português e Jogador de futebol em Inglês?* Eles não sabiam. Eu coloquei ao lado da imagem de Cristiano as seguintes frases: *He is Cristiano Ronaldo, He is Portuguese, He is a soccer player* e pedi para eles lerem essas informações comigo. Fiz o mesmo procedimento com as imagens de Galvão Bueno e Vladimir Putin.

Depois disso, perguntei aos alunos que verbo estava naquelas frases, mas eles não souberam responder. Eu escrevi no quadro as palavras *to be* e dei alguns exemplos para eles do uso desse verbo. Tudo isso acontecia de modo que eu interagiu com eles e pedia para eles opinarem como podíamos construir as formas afirmativas, negativas e interrogativas.

Por fim, eu escrevi as seguintes frases no quadro:

What is his/her name?
 His/her name is _____
 Where is he/she from?
 He/ she is from _____
 What is his/her nationality?
 His/ her nationality is _____
 What is his/her profession?
 He/she is a/an _____

Nós nos sentamos em círculo e distribuí imagens de jornalista, técnico de futebol, goleiro, atriz, cantor (a), etc e comecei a modelar um diálogo junto com o professor regente. Eu fazia as perguntas e ele respondia, depois ele fez as perguntas e eu respondi.

Em seguida, fiz isso com os alunos. Fui ajudando-lhes, pois eles têm bastante dificuldade com a pronúncia da língua inglesa. Apenas uma aluna não quis participar da atividade. Ela gosta de participar das aulas, às vezes, sai antes do término da aula, mas nesse dia ela ficou até o fim, mesmo sem participar.

Nessa aula, os alunos tiveram a oportunidade de aprender algumas nacionalidades, profissões e nomes de países. Porém, eu deveria ter trabalhado mais a interação aluno-aluno. Essa foi a parte que não ocorreu e é a parte que eu gostaria que tivesse funcionado. Caso eu tivesse oportunidade de ministrar a aula novamente, eu tentaria melhorar esse aspecto.

Na elaboração da segunda aula que apresentei não adotei um tema do livro didático. O conteúdo dessa aula veio a minha mente enquanto eu planejava a aula sobre *Nationalities and*

Professions. Assim, pensei em convidar duas pessoas que moram nos Estados Unidos para que pudessem falar com os alunos. Para que isso fosse possível, agendei um dia com dois professores americanos, que conheci durante meu curso de graduação na UFPB e que, no momento, não se encontram mais no Brasil. A comunicação entre os alunos e os professores americanos deveria acontecer por meio do aplicativo *Messenger*, por chamada de vídeo. Para que essa comunicação (entre os alunos e os professores) fosse bem sucedida, os alunos foram preparados para essa aula com antecedência (foram três dias de preparo antes da aula). Os professores americanos foram orientados por mim a falar de forma simples e devagar. Os alunos iriam perguntar (eu iria ajudar os alunos, caso fosse necessário) sobre a nacionalidade deles, profissão, idiomas que eles falam, se eram casados e tinham filhos, sobre a cultura deles e dicas para aprender Inglês. Depois da conversa com os americanos, os alunos deviam escrever um pequeno cartaz sobre os entrevistados com a minha ajuda (cf. plano de aula-*Lesson plan*- no apêndice B e relato reflexivo no apêndice c).

Para que os alunos soubessem como escrever o texto do cartaz, eu apresentei um modelo para que eles tivessem uma ideia de como deveria ser organizado o texto solicitado. O cartaz que os alunos produziram com as informações sobre os americanos deveria ficar afixado no mural da escola para que toda a comunidade escolar pudesse ver. No cartaz, havia as seguintes informações: turma que produziu, fotos dos alunos e dos professores americanos, o texto produzido por eles e uma tradução do texto em inglês para o português.

Essa aula com o 3A exigiu muito de mim, pois minha primeira opção era conseguir um professor americano que conhecia para levar para a escola para que ele pudesse falar pessoalmente com os alunos em inglês, mas não consegui. Então recorri ao plano “B”, conseguir um professor que pudesse falar com os alunos por meio de chamada de vídeo do *Messenger*. Primeiro, eu falei com uma americana que conhecia, mas, por ter uma vida muito ocupada, não conseguiu me ajudar. Eu estava muito preocupada com isso e não sabia o que fazer. No entanto, lembrei de outros dois professores americanos que poderiam me ajudar, no mesmo dia enviei mensagens para eles. Um dos professores respondeu primeiro e falou que me ajudaria e queria saber de todos os detalhes sobre os alunos e como deveria ser essa conversa com eles. No mesmo dia, nós fizemos uma chamada de vídeo para testar se daria certo, porém não funcionou, pois eu conseguia vê-lo, mas não conseguia ouvi-lo. Então perguntei se poderíamos tentar no dia seguinte e funcionou. Eu falei para ele que os alunos sabiam muito pouco de inglês e por essa razão, ele deveria falar devagar e com um inglês mais simplificado para que os alunos não tivessem muita dificuldade de entender. O outro professor americano também respondeu minha mensagem e prometeu me ajudar. Eu não estava esperando que os dois fos-

sem me responder, eu esperava que talvez um deles me respondesse e nem sabia se aceitariam me ajudar. Como os dois se prontificaram a participar, decidi aceitar a ajuda dos dois, já que pensei que no dia poderia haver algum problema com um deles, e pelo menos o outro poderia ter a conversa com os alunos. Em seguida, entrei em contato com o segundo professor americano por chamada de vídeo e dei as mesmas explicações para ele também.

Além disso, tive outra preocupação. Não sabia se o *wi-fi* da escola funcionaria e se o computador tinha *webcam*. Meu computador estava quebrado, mas pedi para que o professor regente levasse o dele para a escola, e o computador dele de fato foi a nossa salvação. O professor regente foi muito legal comigo, não só nessa aula, mas sempre colaborou comigo em tudo que eu precisava. Ele até ofereceu o celular dele, caso o *wi-fi* da escola não funcionasse no dia.

Confesso que essa aula me deixou muito ansiosa, pois queria muito que tudo desse certo. Uma semana antes do dia da aula com os professores americanos, fui à escola para falar com os alunos e deixei perguntas que eles deveriam fazer aos professores. Treinei a pronúncia com eles, e falei que as perguntas seriam para uma atividade na próxima aula, pedi para que eles não faltassem, pois eles teriam uma surpresa muito boa. Um dia antes da aula, fui novamente à escola para treinar as perguntas com eles. Fiz todo esse preparo, porque eles não têm muito contato com a língua inglesa e sabem pouco de inglês.

Em 16/08/18, dia da aula, fomos para uma sala com computador, *wi-fi* e projetor de imagens. Eu não sabia que a escola tinha projetor, fiquei muito admirada. No entanto, o laptop não tinha *webcam*, mas o professor regente tinha levado o computador dele e esse problema foi resolvido.

Antes da aula, os alunos estavam muito curiosos e queriam saber o porquê de estar em uma sala diferente. Eu falei para eles que nossa aula seria diferente e muito boa. Eles viram o que o computador estava na página do *Messenger* e perguntaram se iríamos ficar conversando na internet. Nesse momento, eu expliquei para eles que naquela aula eles iriam conhecer duas pessoas e que eles é que deviam descobrir o nome, nacionalidade, profissão, etc. Falei que eles fossem legais com as pessoas que eles iriam conhecer, pois a cultura deles era diferente da nossa. Eles sabiam falar português e por esse motivo deviam ter cuidado com as palavras, porque eles iriam entender tudo que nós falássemos. Falei também que na cultura dessas pessoas que eles iriam conhecer, eles prezam muito pelos modos de tratamento, respeito e educação (fiz uma conscientização).

Depois dessas instruções, entramos em contato com o primeiro professor americano. Quando os alunos perceberam que ele falava inglês, disseram: “professora, ele não é brasilei-

ro, e agora?” Eu respondi: “Agora vocês irão descobrir quem ele é, qual a nacionalidade dele e tudo o mais”. Eles ficaram um pouco nervosos, mas prometi que os ajudaria e que não precisariam ficar com receio. Teve algo que me surpreendeu muito durante a conversa com esse professor. Quando ele começou a falar com os alunos, ele disse: *Nice to meet you*. Aí eu falei para os alunos que eles deviam responder: *Nice to meet you too*. Nesse momento, eu pensei que eles não iriam conseguir dizer, mas responderam em coro e bem pronunciado, até o americano parecia estar surpreso com os alunos.

Um dos alunos entendeu quando o professor disse que trabalhava em um hospital e entendeu quando ele falou que ele era casado. Os alunos entenderam quando ele falou que tinha dois filhos. Eu tinha falado durante as instruções que o professor sabia falar português, mas acho que eles não prestaram muita atenção a essa informação, porque durante a nossa conversa, perguntei ao professor quais eram as línguas que ele sabia falar. Quando os alunos descobriram que ele sabia falar português, eles disseram: “tá professora, ele sabia falar português desde o início e você o colocou para falar inglês com a gente”. Então eu falei para eles que nas aulas de inglês, nosso foco era a língua inglesa.

Antes de finalizar a conversa que durou aproximadamente nove minutos, pedi ao professor para deixar uma palavra de incentivo para eles, pois esses alunos não acreditam que podem aprender Inglês, eu sempre digo que eles podem sim. Então, o professor falou que eles deviam acreditar que podem aprender inglês e que deveriam colocar algumas coisas em prática: ouvir música, assistir filmes, programas de televisão e vídeos, tudo em inglês e tentassem aprender se divertindo. Para finalizar o diálogo com o americano, eu agradei por ele ter conversado conosco, pela ajuda dele em todo o processo e por ter sido tão legal comigo e com os alunos.

Em seguida, entramos em contato com segundo professor, os alunos disseram: “outro, professora?”. Eu disse para eles que quanto mais praticar a língua inglesa melhor. A interação com esse professor foi diferente, pois ele desafiou os alunos a descobrir quais eram as línguas que ele sabia falar. Os alunos tentaram acertar quais eram as línguas, mas responderam em português. Então o professor disse que queria que eles respondessem em inglês. Nesse momento, ajudei e os alunos acertaram quais eram as línguas. O professor também perguntou a eles qual era a cidade que eles moravam e o bairro. Eu pedi para o professor falar para eles o que achava da nossa cultura e se ele achava que a cultura brasileira era muito diferente da americana. Ele respondeu que a cultura brasileira é bem diferente da americana, mas ele gosta da cultura brasileira e quando viveu aqui no Brasil, isso não foi nenhum problema para ele.

Para finalizar, eu agradei por ele ter nos ajudado com o inglês dele e que ele nos desculpassem, caso a gente tivesse tido algum comportamento que não fosse muito legal na cultura dele.

Quando terminaram as conversas por chamada de vídeo, os alunos disseram que amaram e que queriam ter mais aulas daquele tipo. Eles perguntaram também como eu tinha conhecido os professores americanos e eu respondi que tinha sido através de um projeto *Fulbright*. Esses americanos eram bolsistas desse projeto e tinham dado aulas aos estudantes do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

Depois, pedi para os alunos construírem dois textos, um grupo deveria escrever sobre o primeiro professor, para isso escrevi no quadro as seguintes informações: (Nome do professor), *American, hospital, three languages: English, Spanish and Portuguese; married, two children*. O outro grupo deveria escrever sobre o segundo professor e foram as seguintes informações que eu coloquei no quadro: (Nome do professor), *American, Marketer, three languages: English, Spanish and Portuguese; in a relationship, has no children*. Além disso, eu deixei com eles um modelo de como deveria ser o texto. Eles escreveram o texto com todo esse suporte e eu ainda os ajudei quando pediram minha ajuda e para tirar alguma dúvida.

4.2 UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS AULAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS, ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS, INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E DESAFIOS ENCONTRADOS.

Inicialmente discutirei alguns aspectos dos *materiais didáticos* utilizados nas aulas ministradas. Os materiais didáticos adotados para a primeira aula de língua inglesa sobre *Nationalities and professions* foram os seguintes: tabela da copa (que foi o texto autêntico utilizado), imagens de personalidades (jogadores, locutor, comentarista, jornalista, cantora, atriz, presidente, etc.), lousa, caneta de quadro. A utilização desses materiais didáticos foi de extrema importância, pois é por meio deles que o professor consegue despertar a atenção dos alunos para o tema e conteúdos, e também o interesse deles para a aula como um todo, o que, de outra forma, seria muito difícil. Ao apresentar um texto autêntico, eu queria que os alunos tivessem a oportunidade de, por meio dele, conhecer esse gênero textual. O texto era em português, mas o utilizei mesmo assim. Segundo a proposta curricular para a EJA do estado de São Paulo (2010), o aluno deve se desenvolver em ambas as línguas, a estrangeira e a materna, pois as duas línguas são valiosas para o progresso dos alunos na sua vida social. Além disso, o professor pode fazer uso desse tipo de texto para ensinar aos alunos que todo texto

transita em um contexto histórico, social e cultural, e com esse texto, não era diferente. Assim, utilizei um texto em português para chegar na língua alvo. A proposta curricular para EJA Língua Estrangeira (BRASIL, 2002) afirma que o aluno deve, a partir de um texto autêntico, aprender o contexto em que o texto foi produzido. E foi exatamente isso que aconteceu na aula de inglês, quando usei a tabela da copa. Os alunos tiveram que dizer onde, como, por que e para quem o texto tinha sido produzido.

Além disso, os alunos tiveram que usar seu conhecimento de mundo, que foi muito relevante para que o conhecimento fosse construído na aula de língua inglesa e esse aspecto é defendido também pelas propostas curriculares da EJA acima mencionadas.

Sem as imagens das personalidades, os alunos teriam dificuldades de associar os nomes às pessoas e/ou as suas profissões; acredito que teria sido impossível ensinar sem esse recurso didático. Assim, a construção de conhecimento teria sido prejudicada. Com o uso das imagens, os alunos usaram seu conhecimento de mundo, de acordo com o que eles tinham visto nos meios de comunicação, no período da realização da copa do mundo 2018.

Por fim, utilizei também a lousa e caneta de quadro. O uso desses recursos didáticos continua tendo seu lugar de importância, mas o ensino de língua inglesa na EJA não deve se restringir só ao uso exclusivo desses materiais em todas as aulas. Para isso, o professor deve ser ousado, criativo, dinâmico, deve trazer situações novas e variadas, aproveitar as oportunidades para que os alunos entrem na atmosfera do conhecimento com vontade de aprender, descobrir e construir novos saberes. O professor deve levar o aluno a viver novas experiências na aula de língua inglesa (SÃO PAULO 2010). Foi pensando nisso, que utilizei esses materiais didáticos na primeira aula de inglês e desenvolvi a ideia da segunda aula com a participação dos professores americanos.

Na segunda aula precisei de dois professores americanos, computador, internet, projetor de imagens, o aplicativo *Messenger*, cartolinas, dois modelos de textos, traduções dos textos, fotos dos professores, lousa, caneta de quadro, caneta esferográfica, cola, fita adesiva e mural.

Nessa aula, os professores americanos tiveram o papel de mediadores, mas para que pudessemos falar com eles, foi necessário o uso da tecnologia, e isso envolve o computador, internet, o projetor de imagens e o aplicativo *Messenger*. Com esses materiais é possível entrar em contato com o mundo e trazer o mundo para dentro da sala de aula. E foi exatamente isso que aconteceu: os alunos tiveram contato com outra cultura usando o inglês, sua visão de mundo foi ampliada, expandiram sua perspectiva sobre diversidade, multiplicidade e cultura

de acordo com o que é recomendado pela proposta curricular da EJA do estado de São Paulo (2010).

Essa proposta ainda afirma que é durante a aula de língua inglesa que os alunos têm a oportunidade de usar o inglês em situações reais de uso, seja por meio da fala, escuta, escrita ou leitura. E nessa aula, tudo isso aconteceu de forma natural, mas seguindo um planejamento.

Na escola pública nem sempre existe a possibilidade de se usar a tecnologia. Nessa escola, onde eu realizei esta pesquisa, a aula com os professores americanos quase não foi realizada, porque a escola não possuía um computador com *webcam*. Aulas com o uso da tecnologia podem dar muito trabalho. Porém, precisamos acreditar que é possível fazer o ensino-aprendizagem acontecer com uso da tecnologia. Na proposta curricular de São Paulo (2010), afirma-se que o professor deve levar em conta o que os alunos de escola pública (na EJA) têm o direito de aprender. Acrescento que os alunos da EJA têm o direito de aprender inglês com o uso da tecnologia.

Nessa aula, a lousa e a caneta de quadro foram utilizados novamente, pois foi com o uso desses materiais didáticos que os alunos puderam ter acesso às informações que eles precisavam para produzir o texto do cartaz sobre os professores americanos. Não só isso, mas eles utilizaram também um texto modelo para que eles construíssem o texto do cartaz. Sem esses materiais, por mais que eles tivessem tido o diálogo com os professores, eles se sentiriam perdidos e sem noção de como realizar o trabalho de produção textual em língua inglesa, já que eles têm pouco conhecimento de inglês e bastante dificuldade, o que é natural na situação deles. Todos esses materiais foram necessários para que eles tivessem o apoio que precisavam no desenvolvimento dessa atividade.

Além desses materiais, foram utilizadas também cartolinas, tradução do texto em inglês sobre os professores americanos, fotos deles (dos americanos e dos alunos), caneta esferográfica, cola, fita adesiva e o mural da escola. Com esses recursos, eles não só construíram conhecimento a partir do que aprenderam na sala de aula, mas puderam transmitir com esse texto para a comunidade escolar o que eles aprenderam e o que eles estão sendo capazes de construir. Sem essa estratégia didático-pedagógica, a experiência deles teria ficado restrita à sala de aula. Podemos caracterizar esses cartazes como produções textuais autênticas, fruto da vivência deles. Mais uma vez foi utilizado o texto em inglês e na língua materna, para que a comunidade escolar entendesse as mensagens dos cartazes, possibilitando a construção de sentido e a articulação com o contexto (SÃO PAULO, 2010).

Em segundo lugar, cabe refletir sobre as *estratégias didático-pedagógicas* adotadas nas aulas. A proposta curricular da EJA de São Paulo (2010) afirma que o professor deve colocar em prática seus conhecimentos pedagógicos. Mesmo em formação inicial, o professor possui algum conhecimento e a experiência que me faltava foi suprida pelo auxílio e apoio da orientadora que me ajudou com muita maestria, do professor regente da escola que sempre me dava dicas assertivas e o próprio contexto foi me moldando e ajudando a perceber o que fazer em determinada situação.

Nessas aulas que apresentei para os alunos da EJA, sempre considerava o que as propostas curriculares para a EJA (BRASIL, 2002; SÃO PAULO, 2010) destacam sobre o ritmo dos alunos. Era meu dever, como professora, perceber o que era apropriado para o nível deles, me adaptar à realidade deles e me inteirar sobre o que seria necessário para que o ensino-aprendizagem acontecesse para esses alunos da EJA, que também precisam de uma educação de qualidade. Foi pensando nesse aspecto, que os preparei cuidadosamente para o diálogo com os professores americanos. Foi trabalhoso, exaustivo, me trouxe momentos de muita ansiedade, de noites mal dormidas, mas foi compensador. Fiquei muito satisfeita com o resultado e com o desejo de sempre realizar trabalhos de superação e desafiantes para mim mesma e para os alunos.

As propostas curriculares anteriormente mencionadas (BRASIL, 2002; SÃO PAULO, 2010) defendem que os assuntos ensinados na EJA devem levar em conta o contexto, além das estruturas que se quer ensinar. E era isso que eu queria que acontecesse quando levei uma tabela da copa para a sala de aula; queria que os alunos percebessem que, por meio daquele texto, eles poderiam realizar escrita, leitura e fala em língua inglesa.

Infelizmente, nem sempre os alunos da EJA têm essa oportunidade de estudar temas contextualizados. Em algumas escolas públicas, eles foram acostumados apenas a escrever, como se eles não fossem capazes de ir além dessa habilidade. Porém, isso precisa ser desmistificado, o aluno da EJA pode e deve ser preparado para desenvolver e usar as outras habilidades. Esse direito não pode lhes ser negado e, é nossa obrigação como professores de língua inglesa, fomentar esses aspectos para o progresso intelectual e social desses alunos.

Acredito que as estratégias didático-pedagógicas propostas para a EJA (BRASIL, 2010) são de suma importância e, como professora, tentei ao máximo possível colocá-las em prática nesse estágio supervisionado não-obrigatório. Assim, os alunos puderam ampliar a visão de si mesmo em outro idioma, expandir suas perspectivas sobre a diversidade, multiplicidade e cultura e puderam ser agentes produtivos na aula de língua inglesa e fora dela, ao produzir um texto para transmitir à comunidade escolar as experiências deles com o inglês.

Considera-se, na proposta da EJA de São Paulo (2010), que o ensino acontece em cadeia. Assim, para que os objetivos propostos por ele sejam alcançados, é necessário que se leve em conta as perspectivas pessoal, comunitária e global, e essas perspectivas só são desenvolvidas por meio da leitura, escrita e fala. Essas habilidades foram trabalhadas em sala de aula na EJA, para que os alunos percebessem atentamente que a educação é um meio de se apropriar de sua cidadania para ser agente transformador na sociedade e serem capazes de lidar com um mundo globalizado.

Nós, como professores, podemos ajudar os nossos alunos a ter a oportunidade de se expressar tanto na língua materna quanto na língua inglesa. De fato, o estudo e uso dessas línguas traz inúmeros benefícios para o bom desenvolvimento dos alunos, mesmo quando eles se comunicam com uma interação básica (SÃO PAULO, 2010).

Quando um professor de língua inglesa segue essas estratégias didático-pedagógicas acima mencionadas, percebo que aula de inglês fica muito enriquecida e quem sai ganhando com tudo isso são os alunos, a sociedade e os profissionais que contribuíram com valores e princípios que esses alunos levarão com eles por toda vida.

Com referência à *interação professor-aluno*, essa é a parte que mais gosto na aula de língua inglesa. Uma aula que não inclui esse aspecto é uma aula incompleta e não valoriza o conhecimento de mundo do aluno e a importância de sua participação na construção do conhecimento. A proposta curricular da EJA, Língua Estrangeira (BRASIL, 2002) afirma que as aulas sem interação são as que ficam centradas no professor. Sendo assim, os alunos não têm voz, não opinam, não se expressam, não são preparados para exercer sua cidadania na sociedade.

As aulas que planejei priorizavam a interação professor-aluno, pois eu queria que eles interagissem do início ao fim, seja na língua materna ou inglesa. Eu sempre valorizava a capacidade deles de aprender, pois eu concordo com a proposta curricular da EJA, Língua Estrangeira (BRASIL, 2002), quando menciona que as pessoas continuam aprendendo mesmo na fase adulta. Quando um ou mais alunos diziam para mim que não iriam interagir, porque já tinham passado da idade de aprender inglês, eu respondia que eles podiam sim, que eles não precisavam ter medo de aprender ou de errar, porque todos nós estávamos ali para aprender uns com os outros. Eu continuava dizendo que ainda estava aprendendo e que estaria aprendendo por toda a vida, que eu já tinha cometido muitos erros na minha trajetória de aprendizado. Não só eu, mas o professor regente também aprendeu cometendo erros.

Ao falar sobre minhas próprias experiências, percebia que os alunos se sentiam mais encorajados a participar da interação professor-aluno, que o temor se dissipava e que, aos

poucos, eu conseguia ganhar a confiança deles. E a prova disso foi quando eles participaram do desafio de falar com os professores americanos. Se essa confiança não tivesse sido construída de forma planejada, cuidadosa, responsável e com interesse na pessoa deles, essa experiência teria sido uma tragédia. Mas o que percebi é que, quando o professor conquista seus alunos, eles estão dispostos a topar qualquer desafio, desde que o professor dê os primeiros passos e trilhe o caminho do ensino-aprendizagem junto com eles.

Além disso, eu investia em conhecê-los melhor. Eu chegava com bastante antecedência no dia das aulas para conversar com os alunos, para memorizar o nome deles, perguntar como eles estavam. Foi com todos esses passos que fui construindo a interação professor-aluno.

Minha intenção com esses procedimentos e aulas era fazer com que os alunos pudessem ficar mais perto da língua alvo (inglesa) e despertar neles o desejo de querer um contato mais efetivo com a língua, percebendo que é possível ir mais além. Queria que eles percebessem que a vida não se resume ao pouco que conhecemos e temos.

No texto do caderno 1 da EJA (2006), afirma-se que o professor deve deixar de ser o centro da aula de língua inglesa para ser o mediador da aprendizagem e organizar os alunos em níveis diferentes. Na aula sobre *Nationalities and Professions*, organizei os alunos em círculo e, mesmo que eu não os tenha colocado para interagir entre si, os alunos se ajudaram. Quando eu ensinava uma pronúncia e algum aluno tinha dificuldade, percebia que um deles tentava ajudar o colega com dificuldade em aprender.

Na aula com os professores americanos, quando preparei os alunos para esse momento, deixei as perguntas mais fáceis com os alunos que tinham maior dificuldade em falar inglês e, os alunos que tinham menos dificuldade ficaram com as perguntas que exigia um pouco mais deles. Além da minha ajuda, os alunos se ajudavam e davam dicas uns para os outros.

Portanto, a interação professor-aluno foi realidade na aula sobre *Nationalities and Professions* e na aula com os professores americanos que era continuação da primeira. Os alunos não só tiveram interação comigo, mas também com professores de outra nacionalidade. Assim, os alunos puderam conhecer alguém de outra nacionalidade, saber sua profissão, a cultura delas e depois escreveram sobre essas pessoas. Geralmente, quando os alunos aprendem sobre nacionalidades e profissões, eles têm que escrever sobre pessoas que eles nem conhecem e, desse jeito que eu fiz, eles tiveram essa oportunidade de vivenciar essa experiência e falar sobre alguém com mais proximidade.

Quis ainda mostrar para eles que não é porque eles têm pouco inglês que eles não podem falar uma língua estrangeira, não é porque eles são de uma escola pública que a qualidade do ensino precisa ser mínima, sem significado e sem motivação.

Com essa aula, os alunos tiveram as quatro habilidades trabalhadas: *listening*, *speaking*, *Reading and writing*. pois, como vimos na fundamentação teórica, a EJA não deve só se concentrar em potencializar o *Reading and writing*, mas preparar o aluno para todas as possibilidades que a língua proporciona nas interações reais de uso.

Nessa aula, eu fiz os alunos refletirem sobre a cultura deles e sobre a cultura dos professores americanos. Até antes dessa aula, alguns deles acreditavam que uma cultura era mais importante do outra, mas com essa aula, isso foi desmistificado. Eles aprenderam que toda cultura é importante, com suas peculiaridades.

Em relação aos *desafios no ensino de língua inglesa na EJA*, o material didático oferecido pelo Estado não era adequado para os alunos desse contexto que vivenciei. De acordo com a proposta curricular da EJA, Língua Estrangeira (BRASIL, 2002) alguns professores têm o mesmo posicionamento na realidade deles. Com essa citação sobre o livro didático, não quero dizer que esse material não é importante. Mas acredito que poderia ser melhor se os alunos pudessem usá-lo integralmente.

Como o livro didático não era apropriado para o nível dos alunos de inglês, o professor tinha que adaptar o material se quisesse que sua aula atendesse às necessidades dos alunos. Foi exatamente isso que eu fiz na aula de *Nationalities and Professions*. A aula ficou bem melhor porque tinha a ver com a Copa do Mundo de Futebol e esse evento tinha acontecido um pouco antes desse período.

Entre essas dificuldades, percebia que as canetas de escrever no quadro que são oferecidas pelo Estado não são de boa qualidade, falham muito e os alunos reclamam que não conseguem ver o que os professores escrevem no quadro. Para que esse problema fosse resolvido, os professores compravam suas canetas.

Sobre a violência, o portal de notícias G1 (2017) mostra que o Brasil está em primeiro lugar no ranking dos casos de violência e isso não é exagero. No primeiro dia que cheguei nessa escola onde estagiei, no mês de março, havia carros de polícia e estava acontecendo uma reunião com a direção da escola, alguns professores, parte dos moradores desse bairro e a polícia. Isso me deixou assustada e pensei na possibilidade de ir para outra escola, mas acabei ficando lá. Não sei exatamente qual foi o problema, pois os professores não falavam abertamente sobre o assunto, mas ouvi alguém comentar que tinha a ver com o uso de drogas pelos alunos.

Vi a polícia na escola nesse dia que mencionei e na festa da páscoa, no mês de abril, eles passaram lá para revistar alguns alunos e perguntar a direção se estava tudo em ordem. Alguns alunos ficaram aborrecidos por terem sido intimidados pelos policiais. Além disso, percebia que o professor tinha maior tato para falar com os alunos e repreendê-los. Apesar de a diretora ser muito amigável com alunos, aqueles com comportamento agressivo tinham pouco respeito por ela, por mais que ela se esforçasse.

Outro desafio que encontrei nessa escola foi a resistência dos alunos às minhas aulas. O texto do caderno 1 da EJA (2006) apresenta que essa resistência acontece com os alunos dessa modalidade de ensino. Na escola que estagiei, os alunos estavam acostumados com as aulas expositivas ministradas pelo professor regente. E quando eu cheguei ministrando uma aula com mais interação professor-aluno, dinamizada, que fazia eles pensarem e participarem o tempo todo, eles ficaram um pouco resistentes, mas depois eles foram se acostumando a essa nova realidade que eu trouxe para o contexto desses alunos.

Além disso, como a maioria dos alunos trabalha, alguns chegam muito cansados, acordam muito cedo. Outros não conseguem conciliar trabalho e os estudos e acabam desistindo. Nessa sala do 3A da EJA, em que eu estagiei, houve muita evasão, aproximadamente metade da turma desistiu. Talvez porque houve uma diminuição no quadro de professores e, com isso, muitas aulas deixaram de acontecer. Às vezes, quando eu estava na escola, a diretora pedia para os professores juntarem as turmas. Isso, com certeza, atrapalhava o plano de aula deles, pois ela pedia para eu assumir alguma turma, para que os alunos não saíssem cedo da escola, embora sabendo que não é permitido aos estagiários substituir professores.

A maioria dos alunos apresentavam baixa autoestima. Eles achavam que não conseguiam aprender inglês e tentavam me convencer a desistir de ensiná-los, eles acreditavam que só escrever o assunto de inglês já era suficiente, pois eles não tinham capacidade de algo a mais que isso, mas para surpresa deles, os desafios foram superados.

Por esse motivo, a despeito das dificuldades apontadas, a reflexão sobre as aulas ministradas me faz concluir que houve avanços importantes na aprendizagem de língua inglesa para os alunos com os quais trabalhei, decorrentes das escolhas que fiz em relação as estratégias didático-pedagógicas, aos materiais e às formas de interação.

Confesso que ficava muito satisfeita com a felicidade deles. Certa vez um aluno disse: “professora, que legal, hoje eu falei inglês na sua aula! Quando chegar em casa, vou falar essa novidade para minha esposa”. Alguns alunos que bagunçavam e não levavam as aulas a sério, mudaram de comportamento e passaram a participar das aulas com interesse pela língua in-

glesa e respeito por mim. Alguns que eram tímidos aos poucos foram perdendo o medo de participar das aulas e se destacavam respondendo às perguntas que eu fazia para a classe.

Essas aulas de inglês foram estimulantes. Alguns alunos sentiram-se motivados a aprender inglês em escolas de idiomas. Eles me procuravam depois ou antes das aulas para saber onde podiam encontrar um curso adequado para a realidade econômica deles. Eu os orientava a procurar o Celest, que é um ótimo curso gratuito oferecido pela Prefeitura de João Pessoa.

Assim, percebo que a experiência que vivenciei nessa instituição de ensino foi muito enriquecedora para mim, pois esses momentos contribuíram demais para meu crescimento profissional. Foi enriquecedora para os alunos também, que foram contagiados pela atmosfera do ensino-aprendizado e sentiram o desejo de ir mais além. Eles não imaginavam que iriam ser tão desafiados com as minhas aulas de inglês. Nem eu sabia, pois quando cheguei na escola tinha o plano de trabalhar o livro didático. Mas, tudo mudou, porque a sala de aula é uma caixinha de surpresas impressionante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve o objetivo de analisar uma experiência de ensino aprendizagem de língua inglesa na EJA- ensino fundamental, em um estágio não-obrigatório, no contexto do cursos de Letras Inglês da UFPB, a partir das reflexões desta professora estagiária em formação inicial, tendo como base principal os documentos curriculares para a EJA. Através dessa experiência, eu, como professora pesquisadora pude identificar as necessidades que esses alunos da EJA possuíam e propor um trabalho que os ajudasse a ter um contato com a língua inglesa mais efetivo e cheio de significado.

Isso foi possível, porque eu me preparei com estudos sobre a teoria para a modalidade EJA para entender melhor como funcionava as estratégias didático-pedagógicas para esse público. Percebi o quanto essas estratégias são valiosas quando utilizadas na sala de aula, elas enriqueceram minha visão como professora em formação inicial.

A iniciativa de adaptar o livro didático para esses alunos me fez ir mais além, pois o professor precisa saber quando ou não utilizar esse recurso didático (o livro) e, também, que tem autonomia para usar outros meios. Isso me ajudou a ter mais liberdade para tomar decisões mais assertivas nesse contexto de trabalho sem medo de me arriscar em novas possibilidades, quanto aos conteúdos, elaboração de planos de aula e ministração de aulas.

Quanto à questão da interação professor-aluno, eu pude perceber que foi possível, junto com os alunos, superar esse desafio. Eles não tinham aulas de inglês com interação, mas isso não foi motivo para eu deixar de insistir em trabalhar esse aspecto tão importante na aula de língua inglesa, tanto para o professor quanto para o aluno, que se torna ativo para construir seu próprio conhecimento.

Além disso, todos os desafios que esses alunos superaram me mostrou que é possível realizar um bom trabalho em escola pública, na EJA. Essa vivência foi um instrumento de superação para mim, que tive que me preparar para a realidade desses alunos. Tudo isso me fez perceber que ser professor exige muito de nós, principalmente quando tentamos nos orientar pelas propostas curriculares da EJA. Porém, é muito gratificante realizar um trabalho que visa a evolução dos alunos nesse contexto, que merece uma educação rica de significados e que os prepare para um futuro melhor.

Por fim, acredito que este trabalho pode contribuir positivamente para ajudar outros profissionais que atuam na EJA, assim como ajudou a me sentir mais preparada para atuar na área de educação. Não quero me acomodar, visto que o um professor de língua inglesa é um profissional que deve estar em formação contínua e refletindo sempre sobre sua prática em

sala de aula. Quero me preparar cada vez mais para ser uma excelente profissional no contexto educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AOKI, V. **EJA Moderna**: educação de Jovens e Adultos. 1º Edição. São Paulo: Editora Moderna, 2013.
- BORTONI-RICARDO, E. M. **O Professor Pesquisador**: Introdução à Pesquisa Qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTOLINI, R.; KRUNGER, C. I. T. Algumas considerações sobre o ensino de língua estrangeira na EJA. **Synergismus scyentifica**. UTFPR, Pato Branco, 03 (2-3), 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Fundamental: **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: Segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução/Secretaria de Educação Fundamental, v.1. Brasília, 2002.
- BRASIL. **Cadernos EJA 1: Trabalhando com Jovens e Adultos**: alunos e alunas da EJA. Brasília: MEC/SECAD, 2006. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/ejacaderno1.pdf>> Acesso em: 01/08/18.
- BRASIL. **Cadernos EJA 2: Trabalhando com Jovens e Adultos**- A sala de aula com espaço de vivência e aprendizagem. Brasília: MEC/SECAD, 2006a. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/caderno2.pdf> Acesso em: 01/08/18.
- BRASIL. **EJA referenciais L.E.Vol.2- Língua Estrangeira**. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol.2/linguaestrangeira.pdf>> Acesso em: 01/08/18
- Brasil é #1 no ranking da violência contra professores: entenda os dados e o que sabe sobre o tema. Disponível em: <https://www.g1.globo.com/educação/.../brasil/1/no/raning/da/violência/contra/professor>> Acesso em: 20/07/18.
- BROWN, H.D. **Teaching by Principles**: an interactive approach to language pedagogy. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.
- CONTIERO, Lucinéia. **Narrativas Autobiográficas e Formação de Alunos-Professores de L.I**. Anais do II Conedu: Congresso de Nacional de Educação. Campina Grande, p. 04, 2015. EJA-Prefeitura Municipal de João Pessoa. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/tag/eja> >. Acesso em: 30/08/18.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 18ed. Petrópolis: Vozes, p. 21-22, 2001.
- MULIK, Kátia Bruginski. O ensino da língua inglesa na educação de jovens e adultos: enfatizando o letramento crítico e a interculturalidade. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**. Volume 5, Número 2, p. 142-157, 2011.

NOVAES, F.A.R. **Uma proposta de letramento crítico para o ensino de língua inglesa na EJA:** em busca de uma educação linguística transformadora. Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Educação técnica. **Carta de Orientações Didáticas para a EJA Língua Estrangeira- Inglês:** etapas complementar e final. São Paulo: SME/DOT, 2010.

SIMPÓSIO 20. **Por uma Proposta Curricular para o 2º Segmento na EJA.** Disponível em: < [https:// www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1e/pdf](https://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1e/pdf) > Acesso em: 30/08/18.

SOUSA e SILVA, M. R. **Reflexões de professores em formação sobre o ensino de língua inglesa na EJA sob a perspectiva do letramento crítico.** Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** Procedimentos e Métodos. 2ed. Porto Alegre: Bookman, p.32, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Lesson Plan 1		
Teacher: Luciana dos Santos Galdino		
Course: 3A EJA		
General Objective: to learn nationalities and professions with the use of the verb To Be		
Specific Objectives: To identify the type of text, to learn nationalities and professions, to practice conversation with the teacher and classmates.		
Materials: The world cup table of matches (2018), white board, marker, images.		
1 st part		
Time		Procedure:
10 minutes	<p>Warm-up</p> <p>Interaction t/ss</p>	<p>The teacher will show the students a text about the world cup table of matches in Portuguese, with the diverse countries' flags. The teacher will ask the students, what type of text is it? Where do we find this type of text? When do we see this type of text? She will ask, did you watch the world cup? Who is your favorite soccer player? Did you cheer for Brazil?</p>
15 minutes	<p>Vocabulary</p> <p>Interaction t/ss</p>	<p>In this part, back to the flags, the teacher will ask the students how they can say Brasileiro in English, etc. After this, the teacher will show</p>

		images of the players, coach and will write on the board and ask, where is he from? What is his profession?
15	Grammar Interaction t/ss and ss/ss	After this part, the teacher will ask the students, what the verb tense in the questions about the players is, etc; When do we use this type of verb tense? In group, the teacher will hand out the ss some piece of paper and they will decide what tense the verb on the board is and when we use it. Finally, the teacher will explain the use of the verb tense to them.
15 minutes	Exercise Interaction ss/ss	The teacher will hand out the ss images of the some soccer players and etc, and she will ask them to question one another, Who is he/she? Where is he/she from? What is his/her nationality? What is his/her profession?
Evaluation: The students should know how to talk about nationalities and professions		
References: Alisson Seleção. Disponível em:< https://www.google.com.br >Acesso em: 29 jul. 2018. AOKI, Virgínia. EJA Moderna: Educação de Jovens e Adultos. São Paulo. Editora Moderna. 1ºed. 2013. Comentaristas Arnaldo e Roger Copa 2018 Globo. Disponível em:< https://www.google.com.br > Acesso em: 29 jul. 2018.		

Harry Kane England. Disponível em:<<https://www.google.com.br>>Acesso em: 29 jul. 2018.

Imagens de Cristiano Ronaldo Seleção de Portugal. Disponível em:<<https://www.google.com.br>> Acesso em: 29 de Julho de 2018.

Imagens de Galvão Bueno. Disponível em:<<https://www.google.com.br>> Acesso em: 29 jul. 2018.

Imagens de Goleiro da França 2018. Disponível em: <<https://www.google.com.br>> Aceso em: 29 de Julho de 2018.

Imagens de Tite Seleção. Disponível em:<<https://www.google.com.br>> Aceso em: 29 de Julho de 2018.

Jornalista Colombiana Assediada na copa 2018. Disponível em: <<https://www.google.com.br>> Acesso em: 29 jul. 2018.

Jornalistas da Globo Copa 2018. Disponível em:<<https://www.google.com.br>>Acesso em: 29 de Julho de 2018.

Lionel Messi Argentina. Disponível em:<<https://www.google.com.br>>Acesso em: 29 jul. 2018.

Mbappe France. Disponível em:<<https://www.google.com.br>>Acesso em: 29 jul. 2018.

Neymar e Bruna. Disponível em:<<https://www.google.com.br>>Acesso em: 29 jul. 2018.

Pique e Shakira. Disponível em:<<https://www.google.com.br>> Acesso em: 29 jul. 2018.

Tabela da copa 2018. Disponível em :<<https://www.google.com.br>> Acesso em 29 jul. 2018.

Técnico do Japão. Disponível em:<<https://google.com.br>>Acesso em: 29 de julho de 2018.

Vladimir Putin. Disponível em: <<https://www.google.com.br>> Acesso em: 29 jul. 2018.

Imagem da unidade adaptada do livro didático:



 **Tabela da Copa do Mundo RUSSIA 2018** 

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C	GRUPO D
 Rússia	 Portugal	 França	 Argentina
 A. Saudita	 Espanha	 Austrália	 Islândia
 Egito	 Marrocos	 Peru	 Croácia
 Uruguai	 Irã	 Dinamarca	 Nigéria
GRUPO E	GRUPO F	GRUPO G	GRUPO H
 BRASIL	 Alemanha	 Bélgica	 Polónia
 Suíça	 México	 Panamá	 Senegal
 Costa Rica	 Suécia	 Tunísia	 Colômbia
 Sérvia	 Coreia do Sul	 Inglaterra	 Japão









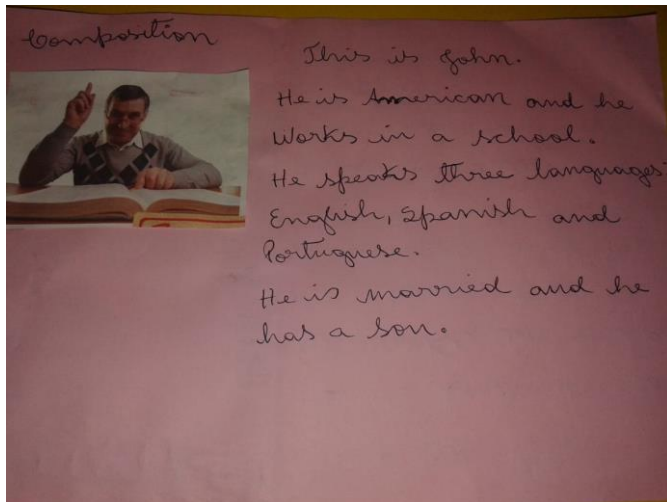




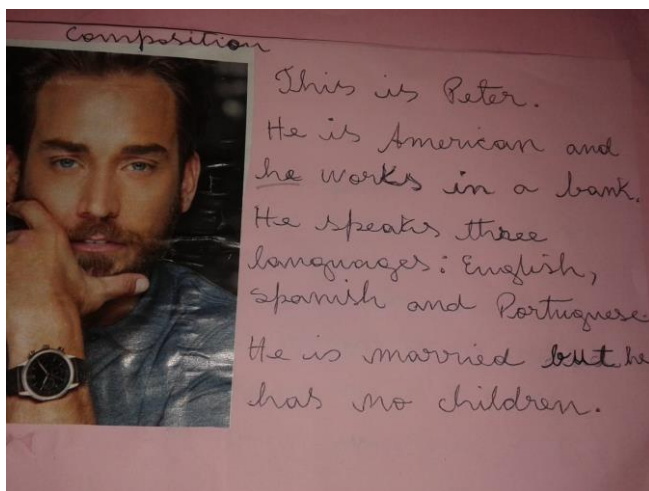
APÊNDICE B

LessonPlan 2		
Teacher: Luciana dos Santos Galdino		
Course:		
General Objective: The students will talk with two American teachers		
Specific Objectives: The students will receive orientations, they will speak in English with two Americans teachers, they will write a short text about the American teachers		
Materials: marker, pictures of the American teachers and of the students, paperboards, pens and model texts.		
2nd Part		
Time		Procedures
05 minutes	Warm-up	The teacher will give orientations to the students about two persons and their culture, they Will meet that night through the <i>Messenger</i> (video chat).
10 minutes	Interaction with the first teacher	The teacher will hold a conversation with the first teacher and will put the students to ask few simple questions to the American teacher (what is your name? where are you from? What is your job? How many languages do you speak? Are you married or single? Do you have any children?
10 minutes	Interaction with the second teacher	The teacher will hold a conversation with the second teacher and will put the students to ask the same questions to the second teacher (what is your name? where

		are you from? What is your job? How many languages do you speak? Are you married or single? Do you have any children?
20 minutes	writing	The teacher will write some information about the American teachers, explain the activity and ask the students to write a text about them. She will give the students a model text and will help them if necessary.
Assesment: the students should be able to speak with the American teachers and write about them.		
References:		

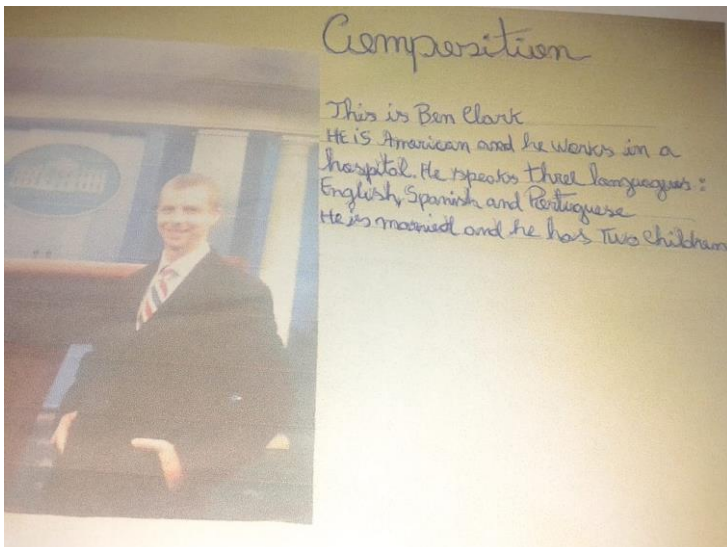


Model text 1



Model text 2





Text written by the students

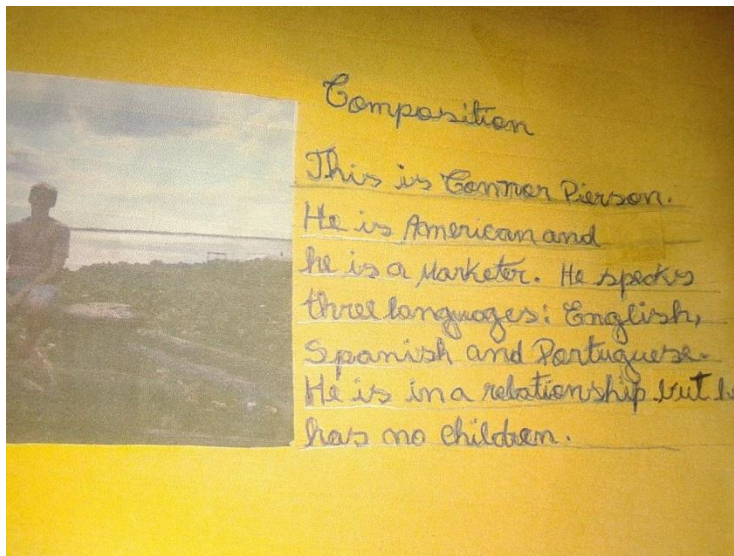
Tradução do texto 1

Este é Bem Clark.

Ele é americano e trabalha em um hospital.

Ele fala três línguas: Inglês, Espanhol e Português.

Ele é casado e tem dois filhos.



Text written by the students

Tradução do texto 2

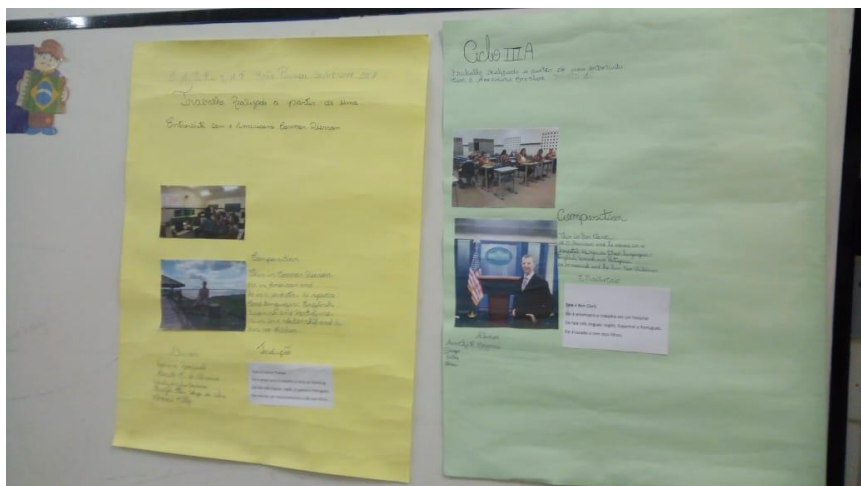
Este é Connor Pierson.

Ele é americano e trabalha na área de Marketing.

Ele fala três línguas: Inglês, Espanhol e Português.

Ele está em um relacionamento, mas não tem filhos.

The posts written by the students.



Apêndice C

Descrições e reflexões sobre as aulas

Turma: 3A EJA 4 alunos

02/08/18

Lesson 1: Nationalities and Professions

Nessa aula, eu distribuí entre os alunos tabelas do jogo da copa e perguntei a eles se eles sabiam que tipo de texto era aquele. Eles tiveram um pouco de dificuldade de responder, mas depois que eu dei uma ajuda, um aluno respondeu que era uma tabela de jogo da copa. Então, eu perguntei onde podíamos encontrar aquele tipo de texto (o mesmo aluno respondeu que da internet e em jornais), em que momento (os alunos responderam que durante a copa), quem tinha interesse naquele tipo de texto (os telespectadores, etc).

Depois perguntei se eles assistiram a copa e quem era o jogador preferido deles. Em seguida, coloquei a imagem de Cristiano Ronaldo no quadro e eles já foram dizendo quem ele era, foi então que eu perguntei o país que ele morava, a nacionalidade dele e a profissão, os alunos sabiam essas informações, mas não sabiam dizer em Inglês, então eu perguntei: "How can I say Portugal, Português e Jogador de futebol em inglês?" Eles não sabiam, eu coloquei ao lado da imagem de Cristiano as seguintes frases: *He is Cristiano Ronaldo*, *He is Portuguese*, *He is a soccer player* e pedi para eles lerem essas informações comigo. Fiz o mesmo procedimento com as imagens de Galvão Bueno e Vladimir Putin.

Depois disso, perguntei aos alunos que verbo estava naquelas frases, mas eles não souberam responder, eu escrevi no quadro *to be* e dei alguns exemplos para eles do uso desse verbo. Tudo isso acontecia de modo que eu interagira com eles e pedia para eles opinarem como podíamos construir as formas afirmativas, negativas e interrogativas.

Por fim, eu escrevi as seguintes frases no quadro:

What is his/her name?
His/her name is _____
Where is he/she from?
He/ she is from _____
What is his/ her nationality?
His/ her nationality is _____
What is his/her profession?
He/she is a/an _____

Nós nos sentamos em círculo e distribuí imagens de jornalista, técnico de futebol, goleiro, atriz, cantor (a), etc. e comecei a modelar um diálogo junto com o professor regente. Eu fazia as perguntas e ele respondia, depois ele fez as perguntas e eu respondi.

Em seguida, fiz isso com os alunos. Fui ajudando eles, pois eles têm bastante dificuldade com a pronúncia da língua inglesa. Apenas uma aluna não quis participar da atividade, ela nem gosta de participar das aulas, às vezes, sai antes do término da aula, mas nesse dia ela ficou até o fim da aula.

Nessa aula, os alunos tiveram a oportunidade de aprender algumas nacionalidades, profissões e nomes de países. Porém eu poderia ter trabalhado mais a interação aluno-aluno. Essa foi a única parte que não funcionou e é a parte que eu gostaria que tivesse funcionado. Caso eu tivesse oportunidade de ministrar a aula novamente, eu tentaria melhorar esse aspecto.

Depois de ministrar uma aula, vou percebendo no que preciso melhorar, descobrindo como lidar com os imprevistos e aos poucos vou me tornando uma docente mais consciente do quanto quero progredir, para ser uma professora mais capacitada na minha profissão. E sei que isso é apenas o início de uma grande jornada.

João Pessoa, 16/08/18

Turma: 3A EJA 9 alunos

Lesson2 :Chatting with American teachers

Essa aula com o 3A exigiu muito de mim, pois minha primeira opção era conseguir um professor americano que conhecia para levar para a escola para que ele pudesse falar pessoalmente com os alunos em inglês, mas não consegui. Então recorri ao plano “B”, conseguir um professor americano que pudesse falar com os alunos por meio de chamada de vídeo do *Messenger*. Primeiro, eu falei com uma professora americana que conhecia, mas por ter uma vida muito ocupada não conseguiu me ajudar. Eu estava muito preocupada com isso e não sabia o que fazer. No entanto, lembrei de outros dois professores americanos que poderiam me ajudar. No mesmo dia enviei mensagens para eles. Um dos professores respondeu primeiro e falou que me ajudaria e queria saber de todos os detalhes sobre os alunos e como deveria ser essa conversa com eles. No mesmo dia nós fizemos uma chamada de vídeo para testar se daria certo, porém não funcionou, pois eu conseguia vê-lo, mas não conseguia ouvi-lo. Então perguntei se poderíamos tentar no dia seguinte e funcionou. Eu falei para ele que os alunos sabiam muito pouco de inglês e por essa razão, ele deveria falar devagar e com um inglês

mais simplificado para que os alunos não tivessem muita dificuldade de entender. O outro professor também respondeu minha mensagem e prometeu me ajudar. Eu não estava esperando que os dois fossem me responder eu esperava que talvez um deles me respondesse e nem sabia se aceitaria me ajudar. Como os dois se prontificaram participar, resolvi aceitar a ajuda dos dois, já que pensei que no dia poderia haver algum problema com um deles vai que no dia acontecesse algum problema com um deles, e pelo menos o outro poderia ter para a conversa com os alunos. Em seguida, entrei em contato com o segundo professor por chamada de vídeo e dei as mesmas explicações para ele também.

Além disso, tive outra preocupação. Não sabia se o *wi-fi* da escola funcionaria e se o computador tinha *webcam*. Meu computador estava quebrado, mas pedi para que o professor regente levasse o dele para a escola, e o computador dele de fato foi a nossa salvação. O professor regente foi muito legal comigo, não só nessa aula, mas sempre colaborou comigo em tudo que eu precisava. Ele até ofereceu o celular dele, caso o *wi-fi* da escola não funcionasse no dia.

Confesso que essa aula me deixou muito ansiosa, pois queria muito que tudo desse certo. Uma semana antes do dia da aula com os professores americanos fui à escola para falar com os alunos e deixei perguntas que eles deveriam fazer aos professores. Treinei a pronúncia com eles, falei que as perguntas seriam para uma atividade na próxima aula, e pedi para que eles não faltassem, pois eles teriam uma surpresa muito boa. Um dia antes da aula, fui novamente à escola para treinar as perguntas com eles. Fiz todo esse preparo, porque eles não têm muito contato com a língua inglesa e sabem pouco de Inglês.

Em 23/08/18, dia da aula, fomos para uma sala com computador, *wi-fi* e projetor de imagens. Eu não sabia que a escola tinha projetor, fiquei muito admirada. No entanto, o laptop não tinha webcam, mas o professor regente tinha levado o computador dele e esse problema foi resolvido.

Antes da aula, os alunos estavam muito curiosos e queriam saber o porquê de estar em uma sala diferente. Eu falei para eles que nossa aula seria diferente e muito boa. Eles viram o que o computador estava na página do *Messenger* e perguntaram se iríamos ficar conversando na internet. Nesse momento, eu expliquei para eles que naquela aula eles iriam conhecer duas pessoas e que eles é que deviam descobrir o nome, nacionalidade, profissão, etc. Falei que eles fossem legais com as pessoas que eles iriam conhecer, pois a cultura deles era diferente da nossa. Eles sabiam falar português e por esse motivo deviam ter cuidado com as palavras, porque eles iriam entender tudo que a gente falasse. Falei também que na cultura dessas pes-

soas que eles iriam conhecer, eles prezam muito pelos modos de tratamento, respeito e educação (fiz uma conscientização).

Depois dessas instruções, entramos em contato com o primeiro professor americano. Quando os alunos perceberam que ele falava Inglês, disseram: “Professora, ele não é brasileiro”, e agora? Eu respondi: “Agora vocês irão descobrir quem ele é, qual a nacionalidade dele e tudo o mais”. Eles ficaram um pouco nervosos, mais prometi que os ajudaria e que não precisariam ficar com receio. Teve algo que me surpreendeu muito durante a conversa com esse professor. Quando ele começou a falar com os alunos, ele disse: Nice to meet you. Aí eu falei para os alunos que eles deviam responder: Nice to meet you too. Nesse momento, eu pensei que eles não iriam conseguir dizer, mas responderam em coro e bem pronunciado. Até o professor parecia estar surpreso com os alunos.

Um dos alunos entendeu quando o professor disse que trabalhava em um hospital e entendeu quando ele falou que ele era casado. Os alunos entenderam quando ele falou que tinha dois filhos. Eu tinha falado durante as instruções que o professor sabia falar português, mas acho que eles não prestaram muita atenção nessa informação, porque durante a nossa conversa com o professor perguntei quais eram as línguas que ele sabia falar. Quando os alunos descobriram que ele sabia falar português, eles disseram: “tá professora, ele sabia falar português desde o início e você o colocou para falar inglês com a gente”. Então eu falei para eles que nas aulas de inglês nosso foco era a língua inglesa.

Antes de finalizar a conversa que durou aproximadamente nove minutos, pedi ao professor para deixar uma palavra de incentivo para eles, pois esses alunos não acreditam que podem aprender inglês, embora eu sempre digo que eles podem sim. Então, o professor falou que eles deviam acreditar que podiam aprender inglês e deviam colocar algumas coisas em prática: ouvir música, assistir filmes, programas de televisão e vídeos tudo em inglês e tentassem aprender se divertindo.

Para finalizar o diálogo com o americano, eu agradei por ele ter conversado com a gente, pela ajuda dele em todo o processo e por ter sido tão legal comigo e com os alunos.

Em seguida, entramos em contato com o segundo professor, os alunos disseram: “outro, professora?” Eu disse para eles que quanto mais praticar a língua inglesa melhor. A interação com esse professor foi diferente, pois ele desafiou os alunos a descobrir quais eram as línguas que ele sabia falar. Os alunos tentaram acertar quais eram as línguas, mas responderam em português. Então o professor disse que queria que eles respondessem em inglês. Nesse momento, eu os ajudei e os alunos acertaram quais eram as línguas. O professor também perguntou a eles qual era cidade que eles moravam e o bairro. Eu pedi para o professor falar

para eles o que achava da nossa cultura e se ele achava que a cultura brasileira era muito diferente da americana. Ele respondeu que a cultura brasileira é bem diferente da americana, mas ele gosta da cultura brasileira e quando viveu aqui no Brasil, isso não foi nenhum problema para ele. Para finalizar, eu agradei por ele ter nos ajudado com o inglês dele e que ele nos desculpasse caso nós tivéssemos tido algum comportamento que não é muito legal na cultura dele.

Quando terminamos as conversas por chamada de vídeo, os alunos disseram que amaram e que queriam ter mais aulas daquele tipo. Eles perguntaram também como eu tinha conhecido os professores americanos e eu respondi que tinha sido através de um projeto *Fullbright*, esses professores eram bolsistas desse projeto e tinham dado aulas para estudantes do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

Depois pedi para os alunos construírem dois textos. Um grupo deveria escrever sobre o primeiro professor, para isso escrevi no quadro as seguintes informações: *Nome do professor, American, hospital, three languages: English, Spanish and Portuguese; married, two-children*. O outro grupo deveria escrever sobre o segundo professor e essas foram as seguintes informações que eu coloquei no quadro: *Nome do professor, American, Marketer, three languages: English, Spanish and Portuguese; in a relationship, has no children*. Além disso, eu deixei com eles uma modelo de como deveria ser o texto. Eles escreveram o texto com todo esse suporte e eu ainda os ajudei quando pediram minha ajuda e para tirar alguma dúvida.

Minha intenção com essa aula era fazer com que os alunos pudessem ficar mais perto da língua alvo (inglesa) e despertar neles o desejo de querer um contato mais efetivo com a língua e ver que é possível ir mais além. Que a vida não se resume ao pouco que conhecemos e temos.

Além disso, essa aula era uma continuação da aula sobre nacionalidades e profissões. Assim os alunos puderam conhecer alguém de outra nacionalidade, saber sua profissão, a cultura delas e depois poderiam escrever sobre essas pessoas. Geralmente, quando os alunos aprendem sobre nacionalidades e profissões, eles têm que escrever sobre pessoas que eles nem conhecem e, desse jeito que eu fiz, eles tiveram essa oportunidade de vivenciar essa experiência e falar sobre alguém com mais proximidade.

Quis ainda mostrar para eles que não é porque eles têm pouco Inglês que eles não podem falar uma língua estrangeira, não é porque eles são de uma escola pública que a qualidade do ensino precisa ser mínima, sem significado e sem motivação.

Com essa aula, os alunos tiveram as quatro habilidades trabalhadas: *listening*,

speaking, Reading and writing. Pois como vimos na fundamentação teórica, a EJA não deve só se concentrar em potencializar o *Reading and writing*, mas preparar o aluno para todas as possibilidades que a língua proporciona nas interações reais de uso.

Percebo também que essa experiência foi interessante, porque além dessa aula ter sido diferente pela participação dos dois professores americanos, pude comprovar que tecnologia em escola pública funciona, pode até ser trabalhoso, mais dá certo. Se a escola não dispusesse de tecnologia talvez esse trabalho nem tivesse sido possível ou a qualidade teria sido comprometida. Todo o processo foi trabalhoso e muito desafiador para mim, mas foi muito mais que gratificante o resultado da aula.

Além disso, ao invés de ter dois professores americanos, eu poderia ter entrado em contato com alguém de uma nacionalidade diferente. Assim, por exemplo, eu poderia ter um professor americano e um argentino, duas culturas bem diferentes. Isso teria oferecido mais oportunidades para que os alunos tivessem contato com a diversidade proposta pelas orientações para a modalidade EJA.

Com essa aula, percebo que não há limites quando nós nos esforçamos e queremos que os alunos subam um degrau a mais na trajetória do ensino-aprendizagem com momentos significantes. Isso é um pequeno passo de muitos que ainda virão na minha e na vida desses alunos que fizeram muita diferença na construção da minha identidade docente.